



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**JEAN DA SILVA SOARES**

**MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO ESPORTE: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE  
TREINADORES DE ATLETAS DE FUTEBOL**

**FORTALEZA**

**2019**

JEAN DA SILVA SOARES

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO ESPORTE: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE  
TREINADORES DE ATLETAS DE FUTEBOL

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S654m Soares, Jean da Silva.  
Mediação da informação no esporte : análise da atuação de treinadores de atletas de futebol / Jean da Silva Soares. – 2019.  
57 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2019.  
Orientação: Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias.
1. Mediação da informação. 2. Treinadores de futebol. 3. Atletas de futebol. I. Título.

CDD 020

---

JEAN DA SILVA SOARES

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO ESPORTE: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE  
TREINADORES DE ATLETAS DE FUTEBOL

Monografia apresentada ao Curso de  
Biblioteconomia do Departamento de Ciências  
da Informação da Universidade Federal do  
Ceará, como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Francisco Edvander Pires Santos (Bibliotecário) (Suplente)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*“Sucesso é um esporte coletivo. Demonstre gratidão a todos os que colaboram com suas vitórias.”*

*(Carlos Hilsdorf)*

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por todas as bênçãos e pelo infinito amor que Ele sente por mim e por todos os meus.

À minha família, que esteve comigo durante todos os momentos em que eu mais precisei durante essa caminhada e nunca desistiu de mim.

Ao meu pai, Francisco José, que sempre se dispôs a me ajudar em todos os sentidos com todo seu amor, carinho e afeto.

Aos meus irmãos, Jefferson e João Victor, por todo zelo e cuidado, além de todos os momentos de intensa alegria.

À minha mãe, Euridan, pelo coração enorme, onde o amor sempre faz morada. Sempre serei grato por todo amor e por todos os abraços.

À minha orientadora, professora Giovanna Guedes, a qual sempre demonstrou ter confiança no meu potencial desde os tempos que tivemos a oportunidade de trabalhar juntos no Pibic e agora ela novamente acreditou em mim ao me orientar nesse estudo. Jamais esquecerei de todos os aprendizados que tive, os quais me fizeram amadurecer muito como estudante e como pessoa.

À banca examinadora, composta pelos professores Jefferson Veras e Gabriela Farias, por aceitarem gentilmente o convite para participar da apresentação desta monografia.

À todos os professores do Departamento de Ciência da Informação da UFC, em especial aos docentes Gabriela Farias, Giovanna Guedes e Virgínia Bentes.

Aos funcionários do Departamento de Ciência da Informação da UFC, por toda prestatividade e prontidão para atender aos estudantes do curso.

À todos os colegas de turma, por toda união demonstrada durante a graduação e por todos os conselhos.

À estimada amiga Dayse Araújo, por toda ajuda dada desde que estivemos juntos no Pibic. Todas as conversas e dúvidas tiradas, bem como todas as palavras de carinho, ficarão para sempre na minha memória.

Aos treinadores de futebol que participaram da investigação.

Aos clubes de futebol que abriram suas portas para que eu pudesse realizar este estudo junto aos treinadores.

À todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta pesquisa e para meu crescimento pessoal e intelectual.

## RESUMO

Apresenta os resultados de pesquisa que teve como objetivo analisar o processo de mediação da informação dos treinadores de atletas de futebol, a fim de compreender sua interferência nos sistemas de jogos propostos por esses profissionais. A investigação empreendida se caracteriza como de cunho exploratório e está pautada nos pressupostos metodológicos da abordagem qualitativa. Para a coleta dos dados utilizou-se a entrevista, uma vez que essa técnica proporciona interação com os sujeitos da pesquisa. Os dados coletados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo com estabelecimento de duas categorias: a atuação de treinadores de equipes de futebol e mediação da informação no sistema de jogo. Os resultados demonstraram que os treinadores, por meio de experiências e vivências no esporte e dos repertórios de conhecimento, podem atuar como mediadores junto aos atletas de futebol e que a mediação interfere nos sistemas de jogos propostos pelos treinadores, pois as interações entre treinador e atleta, bem como as informações trocadas por meio dessas interações, desenvolvem a capacidade de adaptação do atleta ao sistema de jogo, bem como ajuda-os a melhorar seu desempenho nas partidas de futebol. Conclui-se que esses treinadores fomentam o aprendizado dos atletas utilizando o auxílio da comissão técnica para melhorar sua atuação junto aos jogadores e para criar um ambiente de constante troca de informações e experiências dentro da equipe. O bibliotecário, nesse contexto, poderia ser um diferencial na área esportiva ao auxiliar treinadores de futebol no trabalho de mediação das informações táticas junto aos atletas.

**Palavras-chave:** Mediação da informação. Treinadores de futebol. Atletas de futebol.

## **ABSTRACT**

This paper presents results of a research aimed to examine soccer coaches' actions in order to understand how information mediation process interferes on game systems presented by these professionals. This investigation is characterized as exploratory and is based on the methodological assumptions of the qualitative approach. Interviews were used to collect information because such technique allows interaction with the subjects of the research. The collected data were analyzed using the technique of content analysis with the establishment of two categories: the performance of soccer coaches and the information mediation in the game system. The results revealed that coaches, through experiences and perceptions on the sport and knowledge repertoires, can act as mediators of the soccer athletes and that the mediation interferes on game systems proposed by coaches because the interactions between coach and athlete, as well as the information exchanged through these interactions, develop athlete's ability to adapt to the game system and also help them improve their performance on soccer matches. Therefore, these coaches use the support of the coaching staff to stimulate athletes to learn. They do this to improve their own performance regarding the players and create an environment of constant information interchange and experiences inside the team. The librarian, in this context, could be a differentiator at the sports area by assisting soccer coaches on their work of tactical information mediation involving the athletes.

**Keywords:** Information mediation. Soccer coaches. Soccer athletes.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Perfil dos entrevistados .....	32
<b>Quadro 2</b> - Atuação dos treinadores de equipes de futebol.....	35
<b>Quadro 3</b> - Mediação no sistema de jogo.....	41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO</b> .....	14
<b>3 FUTEBOL: contextos e reflexões</b> .....	20
<b>4 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E TREINADORES DE FUTEBOL</b> .....	25
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	31
<b>6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	34
<b>7 CONCLUSÃO</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	56
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	57

## 1 INTRODUÇÃO

A informação sempre esteve presente nos mais variados contextos do nosso cotidiano. Os suportes para o acesso a ela são vários, desde os físicos até os digitais. Diariamente, somos bombardeados por diversas informações que nos ajudam a tomar decisões e a nos atualizar sobre conteúdos e acontecimentos. Dessa forma, percebe-se que estar informado é fundamental para que o homem se insira dentro do mundo globalizado.

O fluxo informacional aumentou nos últimos anos, muito em razão dos avanços das tecnologias de informação e comunicação (TIC), o que fomentou as transformações pelas quais o mundo está passando com a era da globalização. Isso permitiu que houvesse maior fluxo de dados e informações entre os países, e culturalmente isso se traduz na integração e interação entre diversas culturas. Essas integrações contribuíram para que dados e informações fossem melhor interpretados e usados na execução de atividades que executamos diariamente.

O estudo da informação e dos seus fluxos está a cargo da Ciência da Informação (CI), que ao longo do tempo trouxe conceitos que explicam cada aspecto que a informação pode tomar dentro de um determinado contexto para a formação de conhecimentos. Um dos conceitos que tiveram como base os pressupostos teórico-metodológicos da CI é o da mediação da informação, que está presente em diversas áreas do conhecimento. Nos esportes, a mediação da informação pode ser percebida no futebol, o esporte mais popular do mundo. Nesse esporte, é fundamental que o fluxo informacional seja concebido da melhor forma possível, para que os atletas saibam exatamente os objetivos que o clube tem e o que fazer dentro de campo. Nesse sentido, destaca-se a figura do treinador de atletas de futebol.

Acredita-se que o treinador, com suas experiências e conhecimentos, está por trás do sucesso ou fracasso dessa equipe. É ele quem planeja, orienta, programa e analisa as estratégias que são vistas no campo de jogo. Para que a estratégia de jogo feita pelo treinador se desenrole da melhor forma possível, é fundamental que ele saiba passar sua filosofia de trabalho e sistema de jogo aos atletas, levando em conta uma série de fatores, como a situação em que o time se encontra, o comportamento dos atletas e o planejamento feito pela diretoria. Sistema de jogo, ou sistema tático, de acordo com Drubsky (2003), é o conjunto de táticas que regem as ações e características de uma equipe dentro de campo. Deve ainda aliar isso tudo as suas experiências e vivências dentro do esporte e ao constante avanço pelo qual o futebol passa, não somente no contexto técnico e tático, como também no tecnológico, com os avanços da ciência e tecnologia, que possibilitam as mídias de comunicação atenção especial para expor os fatos relativos aos acontecimentos nos estádios.

O treinador, baseado na análise que faz do comportamento dos atletas, principalmente durante treinos e competições, pode promover ações de mediação da informação que podem facilitar a aprendizagem e a eficácia dos atletas, no sentido de pôr em prática tudo o que foi passado para eles. Ao atuar como mediador, o treinador pode potencializar a evolução dos atletas, não somente no seu desempenho técnico e tático, como também seu crescimento intrapessoal. O atleta verá que a aprendizagem que ele obteve se refletirá dentro do campo de jogo, assim como também refletirá na sua carreira e vida pessoal. Já o treinador, por sua vez, estará apto para capacitar seus comandados a seguir sua filosofia de trabalho e a praticá-la dentro do sistema de jogo proposto por ele, para que os resultados esperados pelo clube possam ser alcançados. É, pois, nessa perspectiva que se viu a necessidade de responder a seguinte questão de pesquisa: como o processo de mediação da informação dos treinadores de atletas de futebol interfere nos sistemas de jogos?

Com o intuito de responder a esta questão de pesquisa, traçamos o seguinte objetivo geral: **analisar o processo de mediação da informação dos treinadores de atletas de futebol, a fim de compreender sua interferência nos sistemas de jogos propostos por esses profissionais.**

Já os objetivos específicos foram delineados como: a) Compreender o processo de mediação da informação dos treinadores de equipes de futebol da Segunda Divisão do Campeonato Cearense; b) Investigar de que forma as ações de mediação interferem nos sistemas de jogos de cada treinador; c) Conhecer as ações de mediação realizadas pelos treinadores junto aos atletas.

A relevância cada vez maior do tema futebol, especialmente no Brasil; a crescente presença da figura de treinadores de atletas de futebol na mídia, principalmente no que tange ao trabalho feito por eles em grandes equipes de futebol na atualidade; a ligação que o trabalho desses profissionais têm com o crescimento dos atletas; a pretensão de contribuir para estudos na temática mediação da informação e futebol; a ampliação da discussão acerca da mediação da informação em outras frentes, visto que não há muitas produções científicas sobre essa temática dentro da área esportiva em específico; e o interesse em estabelecer ligações entre o futebol e a CI, bem como em continuar a estudar o tema mediação da informação e prosseguir com essa temática ao enfatizar fatores relacionados ao futebol, são os pontos motivadores que levaram à proposta de realização deste estudo. O bibliotecário, ao expandir seu campo de atuação para fora dos espaços informacionais, faz com que a profissão possa ser mais conhecida

e prestigiada pela sociedade. Dessa forma, as pessoas terão ciência da importância que o trabalho desse profissional pode ter para as mais diversas áreas do conhecimento em geral.

A primeira seção desta monografia discute os aspectos conceituais da mediação da informação ao apresentar os construtos teóricos de autores que escreveram sobre esse conceito. Já a segunda apresenta uma visão sobre o futebol no geral, bem como contextualiza as figuras do treinador e dos atletas de futebol. A terceira seção trata de demonstrar a relação da mediação da informação com o universo do futebol e dos treinadores de atletas de futebol. A quarta seção mostra o percurso metodológico deste estudo, que é baseado na abordagem qualitativa. Nesta seção, também são apresentadas o método de pesquisa utilizado, assim como as técnicas de coleta e de análise de dados, os instrumentos de coleta de dados e os sujeitos da pesquisa, que são quatro treinadores de futebol de quatro clubes diferentes da Segunda Divisão do Campeonato Cearense. A quinta seção apresenta a análise e interpretação das informações colhidas na coleta de dados. Essas informações são relacionadas com as reflexões expostas no referencial teórico deste estudo. Por fim, a sexta e última seção expõe as considerações finais.

## 2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Antes de escrevermos sobre mediação da informação, é preciso observar que as reflexões sobre o ato de mediar não são em si novidade. As primeiras formas de mediação foram por meio da interação face a face, ou seja, as interações eram mediadas pela língua e pelo espaço social (MORAES, 2014). Desde os primórdios, o homem já buscava se comunicar com o seu próximo e passar informações que de alguma forma contribuíssem para o bem-estar de todo o grupo, o que já pode ser caracterizado como processo de mediação da informação e da cultura. Oliveira (2003, p. 26) afirma que “mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediado numa relação. Essa relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”. O aprendizado, então, ocorreria de forma indireta, através de um mediador. Sobre esse papel de mediador, Bicheri (2008, p. 94) traz a seguinte reflexão:

O mediador e a mediação não estão restritos a uma categoria profissional e nem a uma atividade específica. O mediador pode ser um professor, um padre, um pastor, um escritor, um jornalista, um apresentador de TV ou rádio, um bibliotecário, um crítico de cinema, entre outros. Cada mediador tem sua importância. Os mediadores do conhecimento favorecem a interação entre pessoa e objeto do conhecimento, propiciando a construção, divulgação, disponibilização e reconstrução do conhecimento. Tais mediadores podem se dividir em incontáveis profissões nos diferentes extratos sociais e culturais de uma comunidade, seja ela letrada ou popular.

Vygotsky (1991) entende o conceito de mediação como imprescindível para o processo de aprendizagem. Dessa forma, o ser humano se desenvolveria plenamente e teria autonomia para recriar sua realidade por meio de interações sociais. No entendimento do autor, o desenvolvimento é visto como o domínio dos reflexos condicionados, ou seja, o processo de aprendizado está misturado com o processo de desenvolvimento, de forma completa e inseparável. Portanto, “o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1991, p. 61).

Corroborando com Vygotsky, Feuerstein (apud TURRA, 2007, p. 299) elaborou a teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM), teoria essa que se dá em interações sociais nas quais mediador e mediado fazem parte de processos de aprendizagem que lhe permitem apropriar-se de conhecimentos e reelabora-los, chegando a bons patamares de entendimento. O autor defende que o sujeito se relaciona com o ambiente dinâmica e constantemente, ao construir movimentos e interações com a realidade sociocultural.

Nos últimos tempos, os estudos feitos acerca da mediação da informação têm levado à uma ideia de que as transformações na ciência, na tecnologia e na cultura desencadearam um grande crescimento do volume informacional no mundo contemporâneo. Isso leva à compreensão de Gomes (2011, p. 3), que coloca que:

A Informação, a Comunicação e a Educação são ativas no processo que assegura o agir de cada sujeito na construção do conhecimento e contribuem para a potencialização da sua capacidade de interpelar, de interferir, de criar e recriar o conhecimento instituído, tanto no seu acervo simbólico singular quanto no plano do acervo simbólico estabelecido socialmente.

Dentro dessa perspectiva, as informações se renovam numa grande velocidade e a educação acaba tendo maior papel na relação informação-usuário, já que se torna imprescindível hoje que o indivíduo se mantenha sempre atualizado e informado da melhor maneira possível, para se inserir e permanecer ativo no mercado de trabalho. Turra (2007) corrobora ao afirmar que, dentro de uma organização moderna, o indivíduo deve ser capaz de se adaptar às mudanças de uma tarefa à outra, de aprender novas habilidades mesmo que a situação não exija que elas sejam aprendidas naquele momento e de trabalhar em equipes organizadas em prol da realização de um projeto específico, realizando-o em menos tempo. Ademais, a mediação da informação pode ajudar o sujeito a estar mais atento e alerta às mudanças que podem ocorrer dentro da organização.

Almeida Júnior (2014) entende que a mediação só ocorre quando há interferência de algum sujeito, denominado como mediador. Ele pode facilitar muitas conversas e acordos e está presente nas mais diversas áreas do conhecimento, assim como o próprio conceito de mediação. O mediador pode intermediar uma relação, transmitir informações, facilitar processos e fomentar a aquisição de conhecimentos. Portanto, qualquer indivíduo pode atuar como mediador.

Na CI, a mediação da informação é um conceito geralmente relacionado à ideia de “ponte” de ligação entre a informação e o usuário, porém esse conceito vai muito além dessa perspectiva. No entendimento de Almeida Júnior (2009), a mediação abarca todo o fazer do profissional da informação, desde o armazenamento de informações até a disseminação delas, ou seja, o mediador tem um papel mais relevante do que ser uma mera “ponte” entre o usuário e a informação. Conforme Feitosa (2016, p. 104), o conceito de mediação da informação, ao ser pensado como uma ponte pragmática que liga dois pontos – muitas vezes sem unir –, “se esvazia de sentido quando não se observa as complexidades epistemológicas que se debruçam

sobre ele: desde as mediações culturais até suas variáveis interacionistas em vários campos do saber”. Nesse sentido, Santos Neto (2014) destaca que a mediação da informação, antes de mostrar todas as vias pelas quais a informação chega ao usuário, ela trabalha com afimco os aspectos que antecedem a essa ação. Nesse processo, há também relações entre os sujeitos e elementos envolvidos, proporcionando assim transformação, crescimento e aprendizado.

Há confusão entre interação e mediação quanto ao conceito de ligação de um ponto a outro. Alguns autores têm se empenhado para explicar que, se há interação não pressupõe, obrigatoriamente, a existência da mediação, a exemplo de Souto (2008). Segundo ele, um intermediário pode interagir, ocasionalmente, com outro indivíduo e identificar que ele trabalha em uma atividade que tem relação com uma das áreas temáticas de uma lista organizada, contendo os novos títulos de publicações recebidas ao longo do mês. Assim, o intermediário passa a enviar, mensalmente, ao usuário, via e-mail, a lista com os títulos das novas publicações recebidas naquela área temática. Houve aqui interação, uma ação que pode estar focada na demanda ou na necessidade.

Segundo Silva (2015) a mediação da informação na CI ainda carece de uma construção de sentidos mais sólida, apesar do caráter plural e da capacidade de ela estabelecer diálogos científicos, acadêmicos e profissionais entre várias áreas do conhecimento. A mediação da informação se relaciona com a ideia de interferência e de apropriação da informação. Silva e Gomes (2013) dissertam que é preciso haver uma sinergia entre usuário, mediação e apropriação da informação, para que o mesmo disponha de múltiplas possibilidades de interpretação da realidade, onde ele juntará os novos conhecimentos adquiridos com os que já possui, o que proporcionará possibilidades de pensar sobre o seu aprendizado e aplica-lo no seu cotidiano.

Entrando nesse viés de desenvolvimento do conceito de mediação da informação, Feitosa (2016, p. 113), recomenda que é preciso “[...] remodelar o conceito de mediação à luz dos processos culturais advindos das reações dos sujeitos e das culturas destes, e não apenas aferindo seus modos de organização e tratamento da informação”. Nesse sentido, Almeida Júnior explica que:

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).



Ou seja, o bibliotecário é mais um elemento a fazer parte do processo de mediação no ambiente onde ele atua. Santos Neto (2014) coloca que além de mediar a informação, o profissional influencia direta ou indiretamente em todo o processo de recuperação da informação, além de auxiliar na apropriação dela.

Um indivíduo pode interagir com um intermediário (no caso o profissional da informação) e representar para ele sua demanda, como explica Souto (2008, p. 62). “O intermediário, então, com foco na demanda, a partir da questão apresentada pelo indivíduo, a representa em um serviço de alerta de uma base de dados”. Na mesma situação, um bibliotecário que atua como mediador discutiria com o usuário, a fim de verificar se ele tem clareza do problema, o grau de conhecimento prévio em relação ao assunto, se a demanda apresentada corresponde realmente à necessidade que o motivou a iniciar a busca pela informação. Se a resposta for sim, esse bibliotecário pode representá-la em um serviço de alerta de uma base de dados. Se for não, será desenvolvido um processo de mediação com o usuário, levando-o a compreender e externalizar sua necessidade de informação, para só depois representá-la em um serviço de alerta de uma base de dados. Observa-se, como explica o autor, que o mediador pode atuar ao longo do processo no sentido de facilitar a apropriação da informação - um dos objetivos da mediação da informação.

Ao auxiliar na análise e na reflexão de informações e na apropriação delas pelos usuários no acesso, a mediação da informação proporciona grande potencialização de serviços e produtos informacionais. Isso acontece devido ao fato dela resultar da relação e interação dos indivíduos com o mundo (ALMEIDA JÚNIOR, 2008; 2009). Relação essa que envolve o processo de construção de conhecimento onde há interação desses indivíduos entre si e com as informações, a qual eles vão processá-las e se apropriar do conteúdo delas, gerando, então, um novo conhecimento (GOMES, 2008). Mediadores e usuários, quando interagem com a informação, tornam-se sujeitos do conhecimento, absorvendo-o de conteúdos, suportes, tecnologias e ambientes. Assim, conforme Gomes (2008), os sujeitos acabam interagindo em função dos eventos com os quais se deparam. Sanches e Rio (2010) entendem que novos conhecimentos levam a novas práticas profissionais que podem propor ações de interferência que nos fazem compreender com mais profundidade a relação entre o usuário e a informação. Nunes (2017), apoiando-se em Liquète, Fabre e Gardiès (2010), disserta que um novo conceito no que tange às formas de mediação está surgindo, onde esse processo se concentra menos na ação profissional em disponibilizar documentos e conteúdos aos usuários e mais na forma como esse usuário ressignifica aquela informação. Então, “entender a mediação exige compreender,

precedentemente, que ela envolve a informação, a qual se baseia em três grandes categorias, quais sejam, transmissão, conteúdo e práticas”. (NUNES, 2017, p. 94)

Silva (2015) faz uma reflexão acerca da mediação da informação a partir de três pontos principais. O primeiro trata da mediação da informação como construto social. Nele, a mediação não ocorre de forma neutra e busca dialogar com o usuário, mostrando para ele alternativas para que ele chegue ao que ele quer. A mediação, então, é resumida em três palavras: construção, intervenção e interferência. O segundo ponto aborda a mediação como ação vinculada à vida e ao processo de construção de sentidos, conforme o argumento de Gomes (2010). A mediação, então, é visualizada como construtora de sentidos entre mediador e usuário, além de ser um centro de informação que possibilita o desenvolvimento de serviços que satisfaçam necessidades dentro do seu cotidiano. Por fim, o terceiro ponto disserta a mediação da informação como protagonista na CI, pois através da ação do profissional da informação ela pode configurar-se como fundamentação e prática social, ou seja, o processo de mediação será mais dialógico, interacionista e horizontal, onde todos os agentes envolvidos serão interdependentes, tendo reconhecidas as igualdades de oportunidades, diferenças e autonomia.

Farias e Farias (2017, p. 336) entendem que a mediação da informação deve ser imaginada como “uma construção social, crítica e deliberada da prática à teoria, pensando-a a partir das relações sociais, materiais e históricas para a formação de uma consciência crítica”. Assim, a mediação da informação seria vista pela ótica da “[...] igualdade de oportunidades, reconhecimento das diferenças, integração, inclusão e autonomia” (SILVA, 2015, p. 106). Diante do exposto, Silva e Gomes (2013) ressaltam que a mediação da informação deve ser pensada sob um viés paradigmático que seja concebido de forma multilateral e dialógica, em que a interação entre mediadores e usuários seja constante e permissiva com relação à afirmação de percepções e desejos.

Além da interação, a mediação da informação também nos dá uma noção de conexão, no entendimento de Almeida (2009, p. 16), que vê a mediação como “[...] sinônimo de processos de interlocução e/ou interação entre os membros de uma comunidade, por meio dos quais, os laços de sociabilidade são estabelecidos e alimentados”. Assim, o profissional da informação, no âmbito do futebol, pode se fazer útil dentro dos clubes, conforme Jorge e Valentim (2016), já que esse profissional tem como principal atividade gerenciar e mediar a informação para todos os níveis organizacionais. Portanto, nos clubes de futebol, ele poderia atuar como elemento estratégico na estrutura organizacional ao apoiar as atividades desenvolvidas no clube.

Para saber como atuar de forma significativa dentro do contexto do futebol, especificamente, cabe ao bibliotecário e aos demais profissionais da informação conhecer esse esporte e seus atores, a fim de auxiliar não só treinadores de futebol, como também os demais integrantes de um clube a obter informações precisas, que os ajudem na realização de suas atividades. Na próxima seção discorreremos sobre, a partir de uma perspectiva social, como o futebol surgiu e como chegou ao Brasil, mostrando também como o esporte, bem como suas regras, foram se aperfeiçoando ao longo do tempo.

### 3 FUTEBOL: contextos e reflexões

O futebol tal como conhecemos hoje surgiu na Inglaterra, por volta do século XIX<sup>1</sup>, quando os ingleses criaram regras para padronizar esse jogo praticado com bolas que à época já era popular, porém era muito violento. Farias (2014, p. 24) aponta que, especificamente entre 1810 e 1840, esses jogos foram apropriados por alunos de escolas públicas inglesas, que deram caráter mais organizado e competitivo e menos truculento a esse jogo. No entanto, devido a sua origem, o futebol sofreu resistência por parte da elite e da burguesia em ascensão que frequentava as escolas e universidades. Proni (1998) argumenta que essa iniciativa de estudantes em organizar o futebol, apesar das restrições, foram o passo inicial para transformar o “jogo das multidões” em esporte escolar.

Franzini (2009, p. 107), nessa perspectiva, argumenta que os ingleses, ao buscar a padronização do futebol, “começaram a transformar o que era jogo em esporte, submetido tanto às regras universais e bem definidas quanto a uma estrutura organizacional responsável por zelar pelo seu cumprimento e administrar as competições entre equipes”. Todavia, a padronização do futebol não foi um processo fácil, pois no começo ainda havia muitas divergências acerca do formato da bola, dimensões do campo, número de jogadores por equipe, tempo de jogo, etc (FRANCO JUNIOR, 2007).

Por conta dessas controvérsias, em 1863, após sucessivas reuniões entre ex-alunos e alunos de escolas, universidades e internatos, foram estabelecidas as mesmas regras para o jogo, inclusive aceitando que essas regras sejam controladas por uma entidade maior. Aí surgia a *Football Association* (FA), que atualmente é a Federação Inglesa de Futebol. (FARIAS, 2014). Posteriormente, as regras foram se aperfeiçoando, mas ainda havia controvérsias do quanto de violência poderia ser empregada nesse esporte. Enquanto uns defendiam a continuidade da violência em nome da “virilidade”, outros já se perguntavam se ela era mesmo necessária (FRANCO JUNIOR, 2007). Para poder dosar e controlar o uso da violência no futebol surgia o árbitro, porém no começo ele ficava fora das quatro linhas.

O futebol foi, então, ganhando cada vez mais adeptos e foi se espalhando pelas cidades britânicas, até que em 1871, com o objetivo de divulgar o *football* e suas regras, a FA criou a *Challenge Cup*, que hoje é a Copa da Inglaterra, a competição mais antiga da história do futebol. Essa competição acabou sendo um grande sucesso, despertando mais interesse pelo jogo e angariando multidões (FARIAS, 2014).

---

<sup>1</sup> Farias (2014) aponta que, antes do século XIX, vários povos de épocas diferentes praticavam atividades com bolas que era parecidas com o futebol moderno que surgiu na Inglaterra.

Com o futebol se difundindo pelo Reino Unido, logo começou a ocorrer a fundação de vários clubes, e o futebol foi saindo do ambiente escolar para as fábricas, ao ganhar popularidade também entre a classe operária. Em plena Revolução Industrial, o futebol se tornou um elemento construtor da identidade da classe operária. Não à toa vários clubes surgiram no ambiente das fábricas.

A massificação e o crescente interesse da classe operária pelo jogo demandaram, então, a profissionalização do jogo, a princípio com os atletas sendo remunerados por salários. A profissionalização foi necessária também porque cada vez mais o esporte era tido como um espetáculo capaz de arrastar um grande número de pessoas, que estariam dispostas a pagar para assistir aos jogos. Isso forçou os clubes a criarem formas de remunerar os atletas, para motivá-los a se dedicar mais a treinamentos e melhorar seu desempenho. Porém, os dirigentes da FA não concordaram com a profissionalização a princípio, pois estaria indo de encontro com as tradições do esporte amador. Mas aos poucos a profissionalização passou a ter mais espaço, até que em 1892, todas as equipes do norte e do sul da Inglaterra já se encontravam profissionalizadas, o que demandou a criação de divisões inferiores da liga (PRONI, 1998).

Da Inglaterra, o futebol se espalhou pelo mundo, associado à expansão do modo de produção capitalista. Ainda no século XIX, as crenças e costumes europeus eram tidos como sinônimos de cultura, civilidade e progresso, e o imperialismo inglês não foi diferente disso. Muitos jovens saíam da América Latina para estudar na Inglaterra e em outros países da Europa, e estando nesses países eles tiveram acesso a costumes e comportamentos daquela sociedade. Falando especificamente sobre o futebol, esses jovens também começaram a ter contato com o jogo e com as práticas dele nas escolas, e ao voltar às suas respectivas pátrias, traziam essas práticas, o que fomentou a divulgação do futebol mundo afora.

Apesar disso, no continente europeu, a expansão do futebol encontrou resistências devido à origem britânica, num contexto de crescimento do nacionalismo por volta do final do século XIX e começo do século XX. Crescimento esse acarretado por rivalidades entre potências imperialistas e disputa por potenciais mercados e territórios, que mais tarde levariam à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) (FARIAS, 2014). Mesmo nesse contexto de animosidade, o futebol foi derrubando barreiras, crescendo de popularidade e virando paixão, e mais jogos entre nações começaram a ser realizados aos poucos. Em 1904 foi criada a FIFA (*Federation International of Football Association*) e já em 1908 o futebol foi admitido como esporte olímpico (AQUINO, 2002). Após a Primeira Grande Guerra, o futebol se consolidou de vez como esporte, e as primeiras Copas do Mundo começaram a ser disputadas.

No Brasil, tradicionalmente, se relata que o futebol chegou ao país em 1894, com o regresso de Charles Miller, conhecido como o “pai do futebol brasileiro”, que estava estudando na Inglaterra e lá não só teve contato com o esporte, como também jogou em vários times naquele país. No entanto, Farias (2014) afirma que novos pesquisadores relatam que, antes mesmo do retorno de Charles Miller ao Brasil, o futebol já era conhecido e praticado no país.

Só anos mais tarde é que ocorrera uma popularização maior do futebol no Brasil, pois não só estudantes regressos difundiram o esporte pelas capitais, como também alunos de colégios religiosos, operários de fábricas e marujos (que aprenderam a jogar futebol observando marinheiros ingleses que praticavam o esporte nos portos brasileiros) e empregados de ferrovias, que aprendiam o esporte com os engenheiros e técnicos europeus que trabalhavam no Brasil.

Em pouco tempo, o futebol se tornou um esporte de massa, praticado por setores marginalizados da sociedade, como pobres, negros e mestiços. Eles se interessaram muito pelo esporte após assistir aos jogos disputados pelas elites e por trabalhadores estrangeiros. Ao ter contato com a emoção e adrenalina que o esporte proporciona, eles passaram a disputar os próprios jogos nas várzeas, pátios de fábricas, ruas e praças no subúrbio. Era nesses momentos em que todos confraternizavam, interagiam com amigos e socializavam (AQUINO, 2002).

Visto como uma atividade de grande popularidade, o futebol deve isto graças a seu fascínio, à facilidade de poder ser praticado em pequenos espaços e ao baixo custo do material, pois, uma simples bola feita de meia velha, recheada de papel, jogada por pés descalços, excita, diverte e socializa uma coletividade. (LEAL, 2000, p. 25)

Mas a popularização do futebol passou a incomodar as elites. Para eles, era inaceitável que o futebol fosse praticado por “qualquer um”, uma vez que o futebol para eles era uma atividade física que denotava modernidade e civilidade por parte dos praticantes. Atletas negros, pobres e mestiços, conforme Pereira (2000), para a classe média da época, estavam pondo em risco a “modernidade e superioridade social” que eles acreditavam que o futebol tinha. Assim, não era de interesse da elite que o futebol se popularizasse, pois eles não queriam que jovens brancos e de família estivessem no mesmo ambiente que negros e pobres. Farias (2014) explica que o contato de diferentes classes com o jogo e o encontro delas dentro dos campos era um suplício para as classes dominantes, ainda mais numa sociedade, à época, hierarquizada e racista. As consequências disso foram a dificuldade de acesso de atletas de origem popular às divisões principais do futebol oficial da época e a estruturação das ligas privilegiando clubes abastados (PEREIRA, 2000).

Entretanto, a popularização do futebol seguiu a todo vapor. Cada vez mais grupos de perfis sociais estavam praticando o esporte e mais clubes iam surgindo. Atletas considerados “de cor” estavam ganhando cada vez mais destaque, e os times “oficiais” da elite logo se interessaram em contar com esses jogadores para se tornarem mais competitivos. O futebol ia deixando de ser uma simples atividade de lazer para se tornar um esporte onde eram crescentes as rivalidades e a necessidade por vitórias. Nesse contexto de aumento da competitividade e da diminuição do caráter elitista do esporte, o futebol no Brasil foi passando por uma fase de semiprofissionalismo nas décadas de 1920 e 1930 (CALDAS, 1990).

Os anos 1910 e 1920 e os primeiros anos da década de 1930 no futebol brasileiro foram marcados por duas disputas: a do elitismo *versus* a democratização e a do amadorismo *versus* a profissionalização. Na verdade, essas disputas estavam relacionadas entre si: geralmente os que queriam manter o futebol como esporte típico da elite eram os mesmos que defendiam o seu amadorismo, quanto os que buscavam democratizá-lo também lutavam pela profissionalização. É fácil entender essa associação: para os ricos, o futebol não era uma profissão, diferente do que desejavam os indivíduos das classes mais baixas, que, para praticar o esporte de maneira ‘séria’, precisavam que ele fosse também sua profissão, sua fonte de renda. (MAGALHÃES, 2010, p. 18, grifos do autor)

Depois de várias discussões, em 1933, a profissionalização foi instituída nos dois grandes eixos do futebol brasileiro a época (Rio de Janeiro e São Paulo). Para os atletas, a profissionalização já era uma questão de necessidade, não apenas de escolha, pois o futebol poderia dar a esses atletas melhor possibilidade de sustento e sobrevivência, já que muitos deles não tiveram oportunidade de trabalho e de instrução numa sociedade que se caracterizava pelo forte racismo e exclusão de minorias. Era a oportunidade para esses atletas poderem dar uma “vida melhor” às suas famílias (FRANZINI, 2003). Dessa forma, o futebol se tornou um esporte cada vez mais praticado por pobres, negros e mestiços, agora remunerados, enquanto o clássico atleta amador das elites se tornou figura cada vez mais rara. Os elementos das classes dominantes, então, passaram a ocupar a administração e gestão dos clubes, surgindo aí os chamados “cartolas”. (MAGALHÃES, 2010)

O treinador de futebol, dentro dessa estrutura, tem certa importância na evolução desse esporte. Marturelli Jr. e Oliveira (2005, p. 6) argumentam que após 1939, “a Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, trazia em seus objetivos além da formação de professores de Educação Física a de técnicos desportivos, entre eles o de futebol”. O trabalho do treinador, assim como o dos atletas, passou a ser mais valorizado e profissionalizado

Segundo uma pesquisa realizada pela FIFA (2007, tradução nossa), intitulada *Big Count 2006*, há cerca de 265 milhões de pessoas praticando futebol no mundo todo, e 270 milhões de pessoas (homens e mulheres) envolvidas diretamente com o esporte, se forem incluídos árbitros e assistentes. O mini dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 338) define o futebol como “jogo esportivo disputado por dois times, de 11 jogadores cada um, com uma bola de couro, num campo com um gol em cada uma das extremidades, e cujo objetivo é fazer entrar a bola no gol defendido pelo adversário”. Os jogadores são divididos nas seguintes posições: goleiro, zagueiros, lateral direito, lateral esquerdo, volantes, meia direita, meia esquerda e atacantes. Para Simões (2009), um time de futebol, para vencer o seu adversário, deve obter mais informações do que seu rival, assim sabendo escolher, entre todas as alternativas que possui, a melhor probabilidade para agir com o máximo de velocidade. Dessa forma, o jogo se caracteriza pela maior ou menor capacidade que os jogadores têm de escolher alternativas por meio da informação.

Hoje, apesar de o futebol estar consolidado como o esporte mais popular do mundo, com práticas aperfeiçoadas e forte apelo popular, há a necessidade desse esporte ainda evoluir muito mais e contribuir diretamente para a integração de culturas e de pessoas das mais diversas partes do mundo. O treinador de futebol pode contribuir para essa integração, desde que esteja familiarizado com seu papel de influenciador de práticas e de condutas dentro do futebol, mas para isso, ele deve estar munido com o máximo de informações acerca do esporte e dos seus atletas. Pensando nisso, a próxima seção tratará sobre a mediação da informação focada na figura do treinador de futebol.



#### **4 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E TREINADORES DE FUTEBOL**

Por ser um esporte bastante popular, o futebol sempre está presente nos noticiários, nas escolas e até mesmo nas conversas informais. Notadamente, os grandes jogadores são os profissionais mais destacados por quem acompanha o esporte, mas nos últimos tempos, uma figura tem ganhado mais atenção por parte da mídia e dos especialistas: o treinador de futebol.

Geralmente, tem-se a concepção de que o processo de treinamento envolve somente a repetição de práticas que devem ser feitas dentro de um determinado contexto. Outro ponto destacado é que o treinamento ajuda na assimilação de estratégias por parte dos colaboradores de uma organização. Mas treinar envolve mais fatores. Mumford e Gergley (2005) afirmam que treinar consiste, sobretudo, em fomentar relações interpessoais, de modo que influencie na aproximação entre pessoas. O treinador, nesse sentido, deve atuar como gestor de recursos humanos, ao valorizar o relacionamento com os atletas que ele comanda, melhorando o ambiente de trabalho. Partindo do conceito de mediação da informação proposto por Almeida Júnior e Bortolin (2008), em que há a interferência direta no indivíduo, visto que o indivíduo se apropria da informação para satisfazer uma necessidade informacional, se faz necessário estudar que tipo de relação o treinador tem com seus atletas e como ele implementa suas estratégias e filosofia de trabalho dentro de um grupo.

A influência que um treinador pode ter não fica restrita somente ao contexto desportivo. Muitas vezes, ele é visto pelos atletas como um líder, conselheiro, sendo frequentemente chamado de “professor”. Mas dependendo da forma como ele se relaciona com os atletas, ele pode ser visto como um ditador ou como uma pessoa totalmente fechada. Logo, cabe identificar de que forma o treinador pode melhorar a comunicação com os atletas e, ao mesmo tempo, desenvolver a aprendizagem deles, não somente no contexto técnico, como no psicológico.

Os debates sobre mediação também têm sido fomentados dentro do esporte. Mediar, nessa área, entre outros aspectos, envolve criar uma sinergia diferente, um ambiente, formas de aprendizado, prática e vivência esportiva mais significativa e aberta à ampliação dos recursos e construção de conhecimentos. O aprendizado, como afirma Vygotsky (2000), é elemento importante para o relacionamento do homem com o seu meio. Nessa perspectiva, o treinador de atletas de futebol pode ser um importante mediador desse processo, pois a partir do seu conhecimento e experiência, ele pode potencializar a construção de conhecimento por parte dos atletas.

A forte interação entre mediador e mediado é essencial para que se haja uma aprendizagem significativa, e o ambiente deve ter todas as condições para que isso aconteça, como reflete Feuerstein (apud TURRA, 2007). E, muitas vezes, quem vai fazer com que o ambiente esteja favorável será o mediador, pois ele é a principal conexão entre o sujeito e o objeto. O treinador, então, a partir do seu repertório de vivências no esporte deverá estar aberto a trocar saberes com os seus atletas, promovendo um processo onde as estratégias de jogo e princípios apreendidos pelos jogadores possam ser aplicados em outras situações do cotidiano por meio do exercício reflexivo, aumentando o aprendizado e o interesse dos atletas em estabelecer relações entre os saberes e assim ter novas descobertas.

O trabalho do treinador de futebol é um exemplo de como isso pode acontecer. Ele tem um conjunto de ideias, mas para que possa contribuir mais ativamente para o aprendizado dos atletas, ele deve desenvolver suas ideias com velocidade e mudanças de ritmo, ainda que leve tempo para a filosofia e o sistema de jogo do treinador ser implementado junto aos jogadores, fazendo com que o clube chegue ao ritmo desejado.

Ao trazer a mediação da informação para o contexto dos treinadores de futebol, podemos constatar que eles podem atuar como um mediador entre a informação e os atletas, ao exercer o papel de comunicador da informação. Para isso, ele pode se utilizar de estatísticas e vídeos motivacionais ou de jogos de equipes adversárias, de gráficos que mostrem o esquema tático que ele vai aplicar na partida e a função que cada jogador da equipe deve ter dentro de campo, rotinas de treinamento, observação participante através de “olheiros”, etc. Tudo isso faz com que o atleta de futebol receba mais dados e os transforme em informação, e a relevância desse processo é destacada por Simões (2009). Para o autor, “o jogador deve saber o que e como observar; do contrário, não saberá distinguir o que terá que fazer. O pensamento técnico e tático do jogador é afetado pela aquisição e elaboração de dados e, a seguir, informação.” (SIMÕES, 2009, p. 17).

Conforme já explicitado, a mediação da informação pode propiciar nos atletas maior aprendizado e evolução em relação às suas habilidades técnicas e táticas. Isso permitirá que ele possa melhorar cada vez mais e que o clube possa atingir seus objetivos dentro de cada competição da qual esteja participando. A relação treinador-atleta também pode ser fortalecida, com constante troca de informações importantes entre as duas partes. O treinador também deve procurar conhecer seus atletas até antes mesmo de assumir o comando da equipe, ao procurar saber em que posições os atletas jogam, que outras funções ele pode fazer dentro do campo, o que ele fez em outros clubes etc. Mas só esse conhecimento não é suficiente. O treinador deve

buscar um conhecimento mais profundo, tendo consciência do que cada atleta pode oferecer e do que ele pode exigir de cada um. Normalmente é no período de pré-temporada, quando o clube não tem compromissos competitivos, que o treinador dá atenção à essa questão.

Para que os atletas entendam a filosofia de trabalho do treinador, ele promove sessões de treino praticamente em todos os dias da semana. Essas sessões contemplam não somente as estratégias do treinador para cada jogo da temporada, mas também todo um processo de aprendizado contínuo. Em cada sessão, o treinador explicará aos jogadores movimentos específicos para cada posição, para em seguida passar à execução desses movimentos, retomando os conceitos aprendidos depois de algum tempo. Assim, o elenco terá mais autonomia para dominar as mais variadas ações do jogo e pô-las em prática à medida que isso for necessário. Em outras palavras, o treinador possui um grande acervo de ideias e conhecimentos sobre o futebol e seus movimentos, e nos treinos ele aproveita para explicar e pôr em prática os seus conhecimentos, não considerando apenas a próxima partida, mas também todo o restante da temporada.

Perarnau (2013), em sua obra sobre o treinador Pep Guardiola, um dos mais bem-sucedidos dos últimos anos, disserta que o termo “idioma” é utilizado muitas vezes por treinadores para se referir à certa maneira de entender o futebol, tanto nas partidas quanto no método de treinamento. Ele apontou que Guardiola faz bem a distinção entre idioma, ideia e pessoas (fundamentais para o sucesso ou fracasso de um treinador), como se observa a seguir:

*A ideia é a essência de um time e de seu técnico. A síntese e a vocação. No caso de Pep, pode ser resumida com as palavras usadas por seu pai futebolístico, Johan Cruyff: “A ideia é ter a bola”. O idioma é o método que permitirá expressar a ideia no campo de jogo. É o conjunto de sistemas, atividades e princípios que, através do treinamento, devem ser empregados na implementação da ideia. Por fim, as pessoas. Por mais elaborados que sejam, ideia e idioma não poderão ser interpretados corretamente se os jogadores não estiverem dispostos a cooperar. Não se trata apenas de ter atletas adequados para pôr a ideia em prática, o que é imprescindível: é necessário que exista entre eles a predisposição para aprender os segredos do idioma, trabalhá-los e corrigi-los, sem hesitação. (PERARNAU, 2013, p. 61).*

Isso ilustra como o treinador pode se tornar um mediador junto aos seus atletas. É importante que ele busque sempre a potencialização da forma como ele se relaciona com seus atletas e assim aperfeiçoe seus métodos em cada treinamento, bem como em cada jogo, podendo usar até mesmo recursos tecnológicos. A mediação da informação pode ajudar nesse sentido, utilizando conceitos que, no entendimento de Capurro e Hjørland (2007), envolvem a aplicabilidade e uso da informação, bem como interações entre pessoas e sistemas de informação.

Os atletas, em contrapartida, devem ter a mente aberta para assimilar essas novas informações e conhecimentos futebolísticos. O treinador, na busca por melhorar o desempenho da equipe, pode também desestruturar o sistema de jogo, desmontar as peças e com elas fabricar uma dinâmica parecida com o sistema anterior, mas que obtenha rendimento e resultado diferente. Sistema de jogo, para Oliveira (1994), é a disposição de atletas de futebol no campo, atendendo aos problemas de estruturação que permitem amplas possibilidades para variações táticas.

Esse sistema é concebido de forma que distribua os atletas em uma estrutura organizada e coordenada, criando assim uma relação de interdependência, onde cada função dos atletas se completa à medida em que eles se movimentam no campo, e quanto mais esse sistema é aperfeiçoado, maiores são as chances da equipe melhorar sua produção e seus resultados. Assim, o treinador pode atuar como mediador, por exemplo, no momento em que ele explica ao grupo como fazer determinado movimento, seja ofensivo ou defensivo. São movimentos que podem mudar a história de uma partida, e quanto mais o atleta estiver munido de informações acerca do que fazer dentro de campo, mais o time terá chances de obter bons resultados.

Além de trabalhar a parte física, o treinador pode condicionar o treinamento pelos seus conhecimentos do jogo, tanto na parte técnica como na parte tática. Porém, para que os atletas possam dar o seu melhor, é preciso que o treinador se adapte a eles, e não o contrário. O ambiente do clube tem que ser o melhor possível para que eles se sintam à vontade e sejam descontraídos dentro e fora de campo. O sistema de jogo que o treinador dá à equipe, então, é concebido de forma que os riscos sejam mínimos e o desenvolvimento das virtudes dos atletas seja máximo.

O treinador, no seu cotidiano de trabalho, está cercado de outros profissionais que o auxiliam nos treinos e na preservação das condições físicas dos atletas. O preparador físico, o fisioterapeuta, o auxiliar técnico e até mesmo o nutricionista, munidos de informações, estão em constante contato com o treinador para que ele esteja ciente das condições de cada atleta, do risco que cada um tem de se lesionar, que hábitos alimentares são melhores para a equipe manter uma alimentação equilibrada, etc. O treinador, então, passa essas informações aos atletas que, por sua vez, devem seguir as orientações para que haja melhora no desempenho e no rendimento individual e coletivo. Num esporte de alto nível, como o futebol, cada informação importa, e o auxílio da comissão técnica torna-se fundamental.

O treinador trabalha para oferecer instrumentos à sua equipe, transmitindo-lhes conceitos e ideias que possam praticar durante os jogos, conforme as necessidades vão

surgindo. Ele objetiva, então, que o atleta saia com a convicção de que aprendeu algo novo. O mérito disso é do trabalho do treinador que, segundo Perarnau (2007), tem um senso de intuição que atenta para as necessidades do momento e muda completamente a equipe, fazendo com que ela jogue melhor de acordo com o jogo exige. O atleta, diante disso, deve demonstrar capacidade de aprender novos conceitos e ser receptivo às propostas do técnico.

Outro aspecto a se destacar diz respeito ao diálogo do treinador com os atletas. O diálogo deve ser direto e franco, pois cada atleta tem um jeito diferente e, portanto, isso demanda que cada um tenha tratamento diferente. No futebol, assim como em qualquer outro esporte, os atletas têm diferentes personalidades, o que exige certo cuidado do treinador no relacionamento com o atleta e com o grupo. Alguns atletas absorvem a informação facilmente, sem hesitar, enquanto outros têm um pouco mais de dificuldade, portanto o treinador, em situações assim, é mais didático com o atleta, para que ele assimile melhor, com simplicidade, os conceitos táticos do sistema de jogo. Isso é de suma importância para que o treinador, mediando a informação, extraia o máximo potencial dos atletas e, através dos treinamentos e atividades, construa uma plataforma para que eles deem vazão às suas qualidades.

Além dos atletas, o treinador também precisa estar continuamente aprendendo e evoluindo. Todo trabalho que ele realiza tem um ciclo, que pode durar desde um semestre até uma temporada inteira, depende do quanto durar a passagem dele pelo clube. Nesse ciclo, como explica Perarnau (2013), o treinador confrontará uma série de tomadas de decisão e de movimentos táticos, o que pode fazer com que organizações táticas, movimentos individuais, associações e interações coletivas possam mudar ao longo desse ciclo. Portanto, o treinador deve ter um plano de desenvolvimento que englobe essas possíveis mudanças, até para evitar que seu sistema de jogo entre em colapso por conta de alguma dificuldade de assimilação por parte dos atletas. Atuando como mediador de informação, o treinador dará uma vantagem competitiva enorme para a equipe, ainda mais levando em consideração o contexto competitivo que se observa no futebol.

A forma como o treinador se comunica com seus atletas também é salutar para que eles compreendam todos os conceitos, estratégias, enfoques táticos, individuais e coletivos e o sistema de jogo como um todo. Cabe a ele perceber que linguagem ele deve empregar com cada atleta, pois cada um deles absorve a informação de uma forma diferente. Perarnau (2007, p. 188), argumenta que:

De fato, um dos grandes conflitos do esporte, desde tempos imemoriais, reside na linguagem que os técnicos usam quando pretendem transmitir suas mensagens aos esportistas. Somente técnicos muito privilegiados ou experientes alcançam um nível

de comunicação verbal e gestual capaz de transmitir com precisão a ideia desejada. Em algumas ocasiões, devem ser palavras sofisticadas; em outras, muito básicas. Torna-se imprescindível acertar na forma, no conteúdo, no volume e no momento exato para cada mensagem e cada receptor. Para um treinador, é fundamental acertar no tom para desenvolver ideias técnico-táticas com seus atletas.

Porém, essas ideias não podem ser desenvolvidas plenamente se não houver repetições constantes. É possível ter boas ideias e imaginar formas variantes de como pô-las em prática, mas de nada adiantará se elas não forem transportadas para o campo; essa é uma maneira de ver a utilidade que essa ideia pode ter e que exercícios são os mais adequados. Só após esse trabalho prévio é que essas ideias devem ser desenvolvidas com os atletas e praticadas com intensidade e clareza. Garganta (2001, p. 57), nesse sentido, discorre que “a informação recolhida a partir da análise do comportamento dos atletas em contextos naturais (treinos e competições) é atualmente considerada uma das variáveis que mais afetam a aprendizagem e a eficácia da ação desportiva”.

A mediação da informação, assim, contribui para que o treinador acrescente conceitos e informações importantes para que os atletas sejam capazes de jogar de múltiplas formas. O treinador, destarte, também aprende bastante com os aprendizados que obteve a partir do trabalho com os jogadores e das partidas com as equipes adversárias. Isso mostra o caráter adaptativo e dinâmico que a mediação da informação dá tanto para treinadores como para atletas de futebol. Simões (2009) comenta que o treinador de futebol passa parte do seu tempo obtendo dados para organizá-los e assim chegar à informação para utilizá-la na montagem da equipe, seja pensando nela organizada isoladamente ou de acordo com o adversário que irá enfrentar. A mediação da informação, nesse sentido, ajuda esse profissional a analisar o todo, isso é, o conjunto de 11 jogadores, juntamente com os reservas da equipe, não esquecendo de analisar cada um individualmente para ver como eles se encaixam no conjunto. Ou seja, tudo que o treinador de futebol faz de alguma forma se relaciona com a informação e as decisões que ele toma em razão de suas vivências e conhecimentos.

## 5 METODOLOGIA

Esse estudo foi empreendido a partir da abordagem qualitativa, pois ela proporciona a interação de certas variáveis, permitindo compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. Além disso, essa abordagem nos possibilitou entender as particularidades do comportamento dos indivíduos de forma mais aprofundada (RICHARDSON, 1985). O fato de o foco ser o processo e não o produto ou o resultado, aliado à questão do pesquisador ser o principal agente da pesquisa ao se preocupar principalmente com a interpretação dos fenômenos, também pesaram para a escolha dessa abordagem.

O método de pesquisa escolhido tem caráter exploratório, uma vez que ele “tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições que darão maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-los mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2008, p. 41). Como técnica de coleta de dados optamos pela entrevista visando interagir diretamente com os sujeitos da pesquisa, já os instrumentos para coletar os dados foram: formulário de prospecção e roteiro de entrevista (APÊNDICE A).

Os sujeitos da pesquisa foram os treinadores de três clubes da Segunda Divisão do Campeonato Cearense de Futebol (denominados como E1, E2 e E3). Essa competição compreende sete equipes, sendo que duas delas vindas do rebaixamento da Primeira Divisão do Campeonato Cearense e três vêm da ascensão da Terceira Divisão. Outras duas equipes são remanescentes da edição anterior. A escolha de uma divisão inferior à Primeira Divisão do Campeonato Cearense se justifica pelo calendário menos extenso que esses clubes têm ao longo do ano, o que permite que os treinadores tenham mais disponibilidade para uma eventual entrevista. A princípio, iríamos trabalhar com treinadores de quatro equipes da Segunda Divisão, pois acreditamos que esse número seria o suficiente para se ter uma amostra satisfatória para atender aos objetivos desta investigação. Porém, devido à dificuldade de se ter acesso aos clubes e de não termos logrado êxito nas tentativas de contato via telefone, e-mail e redes sociais, e considerando que elaborar uma investigação que abrangesse todos os clubes da Segunda Divisão do Campeonato Cearense seria uma tarefa não concernente ao trabalho monográfico, devido ao tempo e à sua abrangência, optamos por focalizar, em um primeiro momento, em entrevistar os três treinadores desses três clubes da Segunda Divisão com os quais conseguimos obter contato para marcar as entrevistas.

O campo de pesquisa se constitui do ambiente desses três clubes, localizados em três diferentes cidades do estado do Ceará (sendo duas no interior do estado). Para garantir a autorização dos entrevistados para o uso dos dados das entrevistas para esse estudo, eles

assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). Abaixo, podemos visualizar o perfil dos treinadores de futebol entrevistados (Quadro 1).

**Quadro 1** - Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Idade	Sexo	Escolaridade	Tempo de Profissão	Tempo no Atual Clube
E1	37 anos	M	Superior incompleto	12 anos	1 mês
E2	48 anos	M	Ensino médio completo	8 anos	1 mês
E3	53 anos	M	Ensino médio completo	15 anos	2 meses

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Nota-se que os treinadores de futebol entrevistados têm entre 37 e 53 anos e que dois deles possuem escolaridade até o ensino médio. Possivelmente devido à dedicação ao trabalho esses treinadores não se especializaram mais na profissão por meio de cursos de formação ou graduação em Educação Física. Observamos ainda que eles estão nos seus atuais clubes há no máximo dois meses, isso pode significar que no Brasil os treinadores de futebol não costumam permanecer em um clube de futebol por muito tempo, o que dificulta a criação de um ambiente onde haja o aprendizado de uma filosofia ou de um sistema de jogo em que a equipe desenvolva uma maneira regular e consistente de jogar.

Os critérios que levaram à escolha dos sujeitos da pesquisa foram a maior permissibilidade para se ter acesso à figura do treinador de futebol e para poder perceber seus perfis através da sua forma de comandar e passar informações para os atletas de futebol, já que, para Marturelli Júnior e Oliveira (2005), além de estrategista, o treinador pode passar a imagem de ser disciplinadores, ditadores, democráticos, casuais, versáteis, psicólogos, etc., sendo que cada comportamento é determinado por ações e atitudes que esse treinador toma.

Ao final os dados foram analisados pela técnica de análise do conteúdo de Bardin (2009) com o estabelecimento de categorias. Esta técnica se constitui como um conjunto de instrumentos metodológicos em “[...] constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ diversificados” (BARDIN, 2009, p. 11), instrumentos esses que enfocam na análise das comunicações entre investigador e sujeito, e na descrição do conteúdo das mensagens, nos dando maior conhecimento em relação às condições de produção/receptação destas.

Dessa forma, as categorias de análise definidas para este estudo foram: *a atuação de treinadores de equipes de futebol*, que visou identificar a forma como o treinador trabalha junto aos atletas de futebol e como ele aperfeiçoa essa atividade; e *mediação da informação no sistema de jogo*, que verificou como a mediação da informação se manifesta no trabalho do



treinador de futebol e no aprendizado dos atletas em relação ao sistema de jogo empregado por este profissional.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados coletados foram transcritos a partir de gravações das entrevistas feitas com os sujeitos da pesquisa. Na sequência, fizemos uma leitura desses dados, atentando para as informações que mais se destacavam na fala de cada entrevistado e que tinham sintonia com os objetivos deste estudo. Para a análise dos dados, além das informações orais, foram utilizadas as categorias de análise descritas na metodologia. Utilizamos quadros com trechos das falas dos entrevistados para apresentar os dados coletados e em seguida interpretá-los. Cada quadro corresponde a uma categoria.

A categoria **atuação de treinadores de equipes de futebol** enfatiza a forma como os treinadores de futebol buscam passar aos atletas todas as informações concernentes ao seu trabalho. Para isso, é importante que ele busque ter uma boa relação com cada atleta, bem como com os demais componentes do clube e da comissão técnica, para assim facilitar o processo de adaptação ao novo clube. Ademais, esse processo contribui para que os atletas assimilem melhor o sistema de jogo que foi passado pela comissão técnica e entendam sua função dentro das partidas. Nesta categoria, também analisamos o potencial de um nicho de mercado para a atuação do bibliotecário. Apesar de não constar nos objetivos desta pesquisa, entendemos ser uma contribuição para a área de Biblioteconomia, já que o bibliotecário dispõe de conhecimentos para atuar em espaços que tenham fluxos informacionais constantes e o clube de futebol se encaixa nessa característica.

No quadro 2 apresentamos as perguntas e as respostas dos entrevistados analisadas no decorrer desta seção. **E1** afirma que se motivou a ser treinador de futebol a estar no esporte há 22 anos e a experiência dele como jogador (desde a base até o profissional) influenciou para que ele escolhesse seguir essa carreira. A mesma tendência é vista na fala de **E2**, que enfatizou que o tempo que ele teve de profissão como atleta de futebol foi parte importante para que ele tivesse vontade de ser treinador. **E3** também citou que o tempo como atleta foi determinante para a escolha de seguir a carreira como treinador de futebol, mas salientando que primeiro recebeu um convite para ser treinador de base, para depois ser auxiliar técnico e só depois assumir cargos como treinador de futebol profissional. Vemos, então, que os três entrevistados valorizaram substancialmente a experiência deles como atletas de futebol para seguir a carreira de treinador de futebol, o que, em tese, facilita para que eles saibam como atuar na profissão e como lidar com os atletas com os quais eles trabalham. Perarnau (2013) afirma que pode demorar até meses para que treinador e atleta encontrem a melhor forma de comunicação e que

são necessários tempo, paixão e dedicação mútua para que se haja o mínimo de sintonia entre ambos. A experiência como atleta de futebol, nessa hora, conta muito para o treinador.

**Quadro 2 - Atuação dos treinadores de equipes de futebol**

Atuação de treinadores de equipes de futebol		
E1	E2	E3
O que o motivou a seguir a carreira de treinador de futebol?		
<p>“Na verdade, eu vivo no futebol 22 anos da minha vida, então minha vida é toda ligada ao esporte, desde os 15 anos que eu passei pelo processo de ser atleta, comecei fazendo a categoria de base, depois me tornei um profissional, passei 8 anos como jogador de futebol, não é? Profissional e depois galguei a carreira de treinador de futebol. Então foi uma coisa que foi ser... que a vida nos encaminhou.”</p>	<p>“O que motivou é que eu fui atleta, joguei por 17 anos, não é? Na profissão de atleta profissional. E busquei me especializar, buscar informação positivas para que eu pudesse atuar. Então sempre foi uma vontade minha de trabalhar no futebol. E vivo dentro do futebol como atleta e treinador de futebol desde os meus 17 anos de idade.”</p>	<p>“É, primeiro eu fui jogador, não é? Então quando você é jogador de futebol, você passou 15 anos da sua carreira dentro do campo, não é? Ali treinando, jogando, concentrado, vai pegando, vai entrando na veia isso aí.”</p>
Para ser treinador de futebol, é necessário fazer algum curso? Se sim, quais?		
<p>“É importante, os cursos eles são importantes, porque todo tipo de estudo ele ter traz conhecimento, não é? Hoje existe duas vias de treinadores, os que são ex-jogadores de futebol profissional, e o pessoal que fazem faculdade de educação física e se especializa na área do futebol.”</p>	<p>“É preciso sim. Primeiro você tem que fazer curso de gestão, psicologia. Você tem que saber da parte física, tem que fazer também o acadêmico da parte física. Então todo esse processo que nós temos que ter porque nós vamos tratar com pessoas. A gente vai formar cidadãos, vai formar profissional e todos esses cursos a gente tem que buscar, para que a gente possa ser um grande profissional e também profissionalizar aqueles que trabalham com a gente.”</p>	<p>“É, as pessoas fazem, não é? Eu acho até que precisa, eu nunca fiz, nunca fiz porque eu acho que é errado a maneira que eles fazem. Eu acho que se um dia tivesse da maneira que eu penso, até que eu fazia.”</p>
Como você implementa suas estratégias e filosofia de trabalho dentro do grupo de atletas?		
<p>“Bom. Nós temos um... a nossa filosofia junto com a comissão técnica, em cima dos padrões que a gente entende que seja melhor para que a equipe consiga os resultados. Então nós temos as nossas plataformas de como vamos lidar, de como a gente quer que a equipe jogue. E durante os treinamentos a gente costuma passar o máximo de informação possível, para que os jogadores possam desenvolver, não é?”</p>	<p>“Com muito trabalho, [...] junto com a minha comissão técnica. Nós temos o apoio por fora do auxiliar, do preparador físico. A gente tem todo um suporte para que a gente elabore o que a gente pode fazer, e a gente busca informação dos adversários para gente buscar as estratégias positivas para chegar ao resultado positivo.”</p>	<p>“Eu passo para eles o seguinte, que todo treinador ele tem um esquema tático que ele domina melhor. Até os mentirosos, não é? Um exemplo, que eles gostam de ganhar a diretoria na conversa, ganhar a imprensa na conversa. Aí fala que tem 4 ou 5 variedades de esquema, que durante o jogo muda e tal. Eu sou treinador e isso tudo é balela. Cada treinador ele domina aquele esquema tático melhor, eu jogo no 4-4-2 losango, então eu domino esse esquema melhor, então eu trabalho nesse esquema. Mudo esporadicamente assim, durante o jogo a gente muda, mas a gente trabalha nesse aqui.</p>

Como você prepara sua equipe taticamente?		
<p>“Olhe, todo trabalho que a gente faz, a gente faz sempre em cima de periodização tática, não é? A gente procura passar as informações em qualquer que sejam o treino, seja ele no trabalho de campo reduzido, seja ele no coletivo, no trabalho técnico que a gente faz diariamente. A gente procura passar o máximo de informação possível, e em cima desses trabalhos a gente já vai montando a parte tática da nossa equipe.”</p>	<p>“A gente prepara da melhor maneira possível, que a gente busca a informação da equipe adversária, para que a gente possa no dia a dia de trabalho montar a nossa estratégia em cima do que a gente vê da equipe adversária, para a gente montar uma estratégia positiva para chegar aos resultados positivos. E nem sempre chegamos ao resultado positivo, mas a estratégia sempre existe.”</p>	<p>“Taticamente é uma coisa que eu falo muito também, futebol hoje... as pessoas falam muito, mas se você for para ponta do lápis aqui futebol se resume: parte tática, bola parada, e contra-ataque. Futebol hoje se resume nessas 3 coisas. Não sei por que as pessoas veem tanta coisa, porque eu estou em futebol, joguei futebol, estou em futebol há muito tempo, é só você acompanhar futebol direitinho, observar os jogos direitinho que você vai ver que se resume nisso aí, não é isso? Um time taticamente, um time bem aplicado, quer queira quer não já atrapalha e muito o adversário.”</p>
Que competências você julga necessárias para que um treinador possa ter uma boa comunicação com seus atletas?		
<p>“É assim, para eu fazer um julgamento daquilo que é o correto, é até difícil para mim, porque cada um tem sua forma de trabalhar [...] eu procuro respeitar todas as formas de trabalhar. Mas eu acredito que você tem que fugir até um pouco dessa parte de técnica e até a parte tática. Lógico que são muito importantes, mas digo que a construção de um ambiente bom eu acho que isso é necessário. A construção de um ambiente que tenha um respeito de ambas as partes, não é?”</p>	<p>“Primeiramente ser muito profissional, não é? Ser um cara... um ser humano que compreenda, porque a gente pega várias situações, várias cabeças com várias mentalidades, com várias dinâmicas de vidas, com vários egos pessoais, isso é uma coisa muito importante. E a gente tem que juntar tudo isso para fazer em prol só de um objetivo, que é vencer um trabalho em equipe.”</p>	<p>“Aí tem que ser a honestidade, a sinceridade, não é? Jogar... jogar... jogar aberto com os meninos, não mentir. Não mentir, ser bem sincero, tratar o grupo igual. [...] Tem que tratar os jogadores que vem contratado como jogadores da casa tudo em igualdade. Aí você vai pegando aquela confiança, o jogador está vendo que você é um treinador que é sincero, um treinador que trata todo mundo com igualdade. Isso aí... aí você pega confiança do grupo e o trabalho flui.”</p>
Como é a sua relação com os demais profissionais que compõem a comissão técnica (preparador físico, fisioterapeuta, auxiliar técnico, etc.)?		
<p>“Olha, eu acho... eu digo sempre que eu tenho tido sorte, não é? Nessas minhas escolhas. Minha comissão técnica... [...] então eu procuro mostrar para eles, é uma questão de respeito, nós temos um relacionamento muito bom. Eles conseguem respeitar bem a hierarquia do comando, não é? Que maior que é o meu, não é? Apesar de eu ser o mais jovem da turma, eles conseguem ter esse respeito. Mas eu também procuro valorizar muito cada um, porque se a gente tem tido bons resultados é porque todo mundo deu sua parcela de contribuição. E na questão de relacionamento,</p>	<p>“Da melhor maneira possível, esses são os carros-chefes para qualquer treinador de futebol. E o treinado é ali o primeiro pilar, mas tem o restante dos pilares que sustenta todo esse elo. Então a gente tem um elo total, não só o fisioterapeuta, como o preparador físico, como só a comissão, mas a cozinheira, o zelador, o cara que cuida do campo. Então a gente tem um relacionamento agradável, para que possa isso fazer o ingrediente para a gente chegar ao resultado positivo.”</p>	<p>“É, a comissão técnica é um negócio interessante, que geralmente time grande o treinador leva toda comissão, não é? Como eu falei na outra pergunta agora, que você tem que viver a sua realidade quando sair do curso. E em time assim intermediário você geralmente sempre tem a comissão técnica que é da casa, não é? Você nunca pode levar a comissão técnica. Então aonde eu chego eu procuro me relacionar, não me meter no trabalho de ninguém, para não dar brecha para ninguém também falar do meu. Trato todo mundo bem, do roupeiro ao auxiliar técnico, treinador de goleiro, trato todo mundo bem, procuro me enturmar o máximo, não é? Deixo os</p>

<p>nós somos muito unidos, somos amigos acima de tudo, e somos muito unidos.”</p>		<p>caras trabalharem à vontade, para que o trabalho no final dê tudo certo ali, dentro de uma amizade, dentro da participação muito dentro da palavra amizade, que isso aí que se resume é tudo dentro de uma comissão.”</p>
<p><b>Você é um profissional que procura se atualizar acerca das novas tendências do futebol? Se sim, como você faz isso?</b></p>		
<p>“É necessário, hoje você tem que estar se atualizando, você tem que procurar realmente atualidade. E aí como a gente procura fazer isso? Sempre que temos oportunidade a gente procura fazer algum curso. Mas procura fazer muitas leituras sobre... principalmente o que vem... o que tem num nível acima do nosso, não é? E aí você consegue sugar aquilo que seja melhor para você. É isso aí... é assim a minha forma que eu tenho, não é? Leio, procuro ler muito, procuro ver muito a questão do futebol europeu, do futebol brasileiro em nível de série A.”</p>	<p>“A gente se atualiza da melhor maneira possível, hoje nós temos várias informações de cursos, não é? Nós temos cursos pela CBF, cursos de federações do estado, curso por situações de sindicato de treinadores. Eu mesmo [...], eu sou um dos fundadores do Sindicato e Treinadores do Estado do Ceará. Nós estamos como sindicalizados como também a gente participa de alguns cursos tanto como aluno, também como palestrante algumas vezes.”</p>	<p>“É, porque o futebol é como uma roupa, não é? Ela tem hora que está usando, ela fica cafona, depois volta, sabe? Eles ficam inventando. Mas futebol hoje a gente sabe que não tem mais o que inventar, não tem mais. Eu estou vendo hoje aí é um monte de cientista inventando treino, o cara chutando bola até de costa. Tem que botar o pé no chão, ser humilde e ver que o futebol não adianta você querer inventar demais, não é? Tem que ser mais claro para os seus jogadores, mais claro com a imprensa, mais claro com os companheiros de comissão, que no final dá certo.”</p>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019).

Em relação a cursos para a formação de treinadores de futebol, **E1** afirma que eles são importantes e que trazem conhecimento, ressaltando que há duas vias para que se chegue a ser treinador: sendo ex-atleta de futebol ou tendo graduação em Educação Física, com especialização relacionada ao futebol, mas que o mais importante é ter algum resultado prático, independentemente de como a pessoa se tornou treinador. **E2** também atenta para a necessidade de o treinador de futebol ter feito algum curso antes de ingressar nessa carreira e ainda cita que cursos de gestão de pessoas ou relacionados à Psicologia podem complementar nesse sentido, uma vez que treinadores tratam com pessoas e podem ajudar até mesmo a profissionalizá-las dentro do esporte. Jorge e Valentim (2015) ao tratarem sobre a figura do profissional da informação, ressaltam que ele pode ser um gestor dentro da estrutura de clubes de futebol, uma vez que consegue gerenciar a mediação de informações para todos os níveis organizacionais. Este profissional pode até mesmo auxiliar o treinador de futebol no tocante à atuação como mediador da informação junto aos atletas de futebol. **E3** vai numa direção diferente dos demais entrevistados ao não acreditar na necessidade de se fazer um curso antes de ser treinador de futebol, afirmando que o tempo de profissão e o tempo que ele teve como atleta de futebol já são elementos que dão respaldo para seguir essa carreira. Para ele, se algum indivíduo quiser

ser treinador, ele primeiro deve buscar ser auxiliar técnico, o que, para ele, é melhor do que fazer um curso de 10 dias. Nesse caso, percebemos que nem sempre cursos de formação são levados em conta ao pensar em seguir a carreira de treinador de futebol.

Os treinadores de futebol devem saber como passar sua filosofia de trabalho e seu sistema de jogos para os atletas, o que é parte importante para se ter uma boa atuação que leve a equipe de futebol para a obtenção de bons resultados. Pensando nisso, **E1** coloca que sua filosofia de trabalho é feita em conjunto com sua comissão técnica e que eles, nas sessões de treino, buscam passar o máximo de informação possível para os atletas através dos trabalhos realizados no campo. É nesse momento que são disseminadas as estratégias para que a equipe entenda corretamente o que o treinador quer dentro daquele sistema de jogo. **E2** também destaca a participação da comissão técnica nesse processo, acrescentando que a busca de informações acerca de equipes adversárias ajuda na escolha de estratégias positivas para se chegar nos resultados. Nesse contexto, o bibliotecário poderia ser o terceiro elemento da mediação da informação, como entende Almeida Júnior (2015). Para o autor, só há mediação se houver a existência desse terceiro elemento, e se tratando de mediação da informação, o bibliotecário, bem como suas ações, o espaço onde ele atua e os produtos documentários gerados por ele podem constituir a mediação da informação naquele ambiente. **E3** ressalta que todo treinador de futebol tem um esquema que ele domina melhor e que é preciso mostrar confiança naquele esquema, fazendo mudanças apenas esporádicas para não comprometer o realizado durante a semana. Apesar de ele não ter citado especificamente a comissão técnica, podemos fazer um paralelo com a atuação do bibliotecário, que deve contar com a sua equipe de auxiliares de biblioteca para desempenhar seu melhor papel dentro das unidades de informação e em outros espaços onde ele possa atuar, como os próprios clubes de futebol.

As equipes de futebol sempre trabalham com sistemas de jogos e estratégias desenvolvidas pelo treinador junto à comissão técnica. Cabe a eles fazerem os atletas de futebol se familiarizarem o quanto antes com todo esse sistema para se chegar no objetivo da equipe, que é vencer partidas e conquistar títulos. Entrando dentro da parte de sistemas de jogo, **E1** diz que em qualquer sessão de treino (sendo ela realizada com trabalho de campo reduzido ou em coletivos) procura passar o máximo de informações para os atletas para depois saber como montar a equipe taticamente. **E2** novamente cita a busca de informações de equipes adversárias como elemento facilitador para a montagem tática da equipe e de estratégias de jogo. **E3** vai além, ao citar três pilares para uma boa montagem tática de uma equipe de futebol: parte tática, bola parada e contra-ataque, sendo eles suficientes para fazer a equipe ter vantagem sobre o

adversário. Podemos ver que o bibliotecário atuaria, nesse contexto, mobilizando conhecimentos em um contexto profissional. Farias e Soares (2016) elencam algumas estratégias que poderiam ser empregadas nesse sentido, como acesso a fontes de informação e estratégias de busca de informação em fontes impressas ou bancos de dados digitais e virtuais.

Atentar para que competências os treinadores de futebol julgam ser necessárias para se ter uma melhor comunicação com os atletas de futebol com os quais eles trabalham também é parte importante para se analisar a atuação desses profissionais. Nessa perspectiva, **E1** disserta que o respeito à forma de trabalho de cada componente da equipe é primordial para se construir um ambiente onde haja respeito entre treinador e atletas. Já **E2** destaca o profissionalismo, afirmando que o treinador lida com várias pessoas, portanto com várias ideias e egos pessoas diferentes e o treinador deve, então, ser compreensivo e saber atuar em prol do objetivo da equipe. **E3** ressalta a honestidade e a sinceridade, competências que auxiliam o treinador de futebol a tratar todos os seus atletas com igualdade para conquistar a confiança deles. As competências destacadas pelos entrevistados são pertinentes para se considerar um papel de mediador para o treinador de futebol.

O relacionamento do treinador de futebol com a sua comissão técnica e os demais funcionários deve ser o mais harmonioso possível para que o ambiente seja o melhor e os resultados sejam satisfatórios. **E1** assinala que tem muita sorte ao trabalhar com a sua atual comissão técnica, pois a relação entre eles é sempre pautada no respeito e no reconhecimento do trabalho de cada um. Além disso, ele acrescenta que a comissão técnica deve ser muito unida, pois dessa forma eles poderão cobrar união entre os próprios atletas. **E2** ressalta que não só o relacionamento com a comissão técnica deve ser agradável, como também deve ser da mesma forma com a cozinha, o zelador, etc., tratando todos esses profissionais que trabalham o clube como pilares para se chegar no resultado positivo para o clube. Todo treinador de futebol profissional tem sua comissão técnica fixa para levar para os clubes onde eles vão trabalhar, mas nem sempre isso é possível, principalmente se ele for trabalhar em um clube de futebol de médio porte, como é destacado na fala de **E3**. Para contornar esse obstáculo, ele busca se relacionar, tratar com respeito todos os componentes da comissão técnica do próprio clube onde ele está atuando, deixando-os trabalhar à vontade. Analisando à luz da atuação do bibliotecário, Santos Neto (2014) identifica que eles são mediadores que trabalham em equipe, de forma coletiva, onde todos dão sua contribuição no processo de mediação. O treinador, então, não só pode se tornar um mediador como também pode fazer com que a comissão técnica também atue nesse processo.

Se atualizar acerca das novas tendências de sua área de atuação é salutar não só para os treinadores de futebol, como também para qualquer profissional, inclusive o da informação. Nesse sentido, **E1** concorda que cursos e leituras ajudam o treinador de futebol a se atualizar, tomando como exemplos práticas do futebol europeu e de clubes que estão em séries maiores, com a Série A do Campeonato Brasileiro, mas ressaltando que essas práticas devem ser adaptadas à realidade do clube onde ele está atuando. **E2** também destaca os cursos de formação, tanto em âmbito nacional como regional, com o treinador atuando até mesmo como palestrante desses cursos. **E3**, no entanto, já tem uma postura mais resistente, ao afirmar que no futebol, não há mais nada a ser inventado ou modificado e que sistemas de jogo utilizados hoje e tidos como modernos já eram usados por treinadores de futebol em gerações anteriores. Percebemos que, para que se possa ter o melhor resultado, o treinador de futebol não deve abrir mão da sua capacidade de se atualizar e de buscar variações para o seu sistema de jogo, claro, sem deixar de levar em conta a atual realidade do clube, tanto no aspecto estrutural como financeiro. O bibliotecário, ao atuar no espaço do clube de futebol, pode também seguir essa mesma tendência de se atualizar, ao buscar fomentar o relacionamento entre o clube (atletas de futebol, comissão técnica, diretoria) e seus torcedores, através da utilização de redes sociais e outros mecanismos de massa, uma vez que essas são boas para se divulgar/disseminar informações pertinentes do clube, bem como facilitam o desenvolvimento de produtos e serviços de informação voltados ao público torcedor, como destacam Jorge e Valentim (2015).

Em relação à categoria **mediação da informação no sistema de jogo** destacamos que ela tem como objetivo focar na maneira como o treinador faz com que os atletas assimilem os sistemas de jogos utilizados, destacando o aprendizado que os atletas têm e os eventuais processos de mediação que o treinador usa. Buscamos observar os aspectos comunicacionais do trabalho do treinador, a fim de interpretar os discursos e sua influência no aprendizado dos atletas de futebol, entendendo assim a relação do treinador de futebol com os atletas de futebol, bem como meios que o treinador utiliza para que os atletas se encaixem no seu sistema de jogo.

As perguntas e respostas dos entrevistados relacionadas a essa categoria estão elencadas no quadro 3. Nele percebemos que a mediação da informação tem como foco interações, principalmente no relacionamento entre treinador de futebol e atleta, pois conforme **E1** ele vê toda a equipe como uma grande família. **E2** acrescenta que nos seus tempos de atleta ele já tinha um bom convívio com o treinador, e agora que ele está nesse cargo, o relacionamento com os atletas tem que ser bom da mesma forma para se chegar na realização dos objetivos. **E3** faz questão de deixar evidente que nunca teve problemas com jogador e que os deixa bem à



vontade, mas em compensação também cobra quando necessário. Além disso, ele destaca que, dentro do campo, o treinador deve ser um chefe, um comandante, mas fora deve ser amigo de trabalho, como em qualquer outra área. Corroborando com essas falas, Almeida Júnior e Santos Neto (2014) afirmam que o processo de mediação também se concretiza através da interação, o que pode ser feito tanto pelo treinador de futebol como pelo bibliotecário. Usuários de unidades de informação e atletas de futebol, assim, ganham mais condições de atribuir significados, valores e sentidos às informações que eles recebem.

### Quadro 3 - Mediação no sistema de jogo

Mediação no sistema de jogo		
E1	E2	E3
Como é a sua relação com os atletas com os quais você trabalha?		
<p>“Bom. Meu relacionamento com os atletas ele é bom, [...] você se torna uma família, não é? Porque por exemplo, eu estou aqui no Caucaia, estou longe da minha família, dos meus amigos mais próximos ao qual eu me criei. Então quando você encara o futebol, você tem que ter um bom relacionamento. Acredito muito que esse ambiente que se constrói dentro de um clube de futebol, ele é importante até para que você possa ter os resultados.”</p>	<p>“Da melhor maneira possível, por isso que eu falei para você, que você tem que se especializar. E graças a Deus eu sempre tive um bom convívio como atleta e agora também como treinador. A gente fala a mesma língua, a mesma situação trabalhando e buscando os mesmos objetivos.”</p>	<p>“Minha relação é a melhor possível, eu posso dizer que esse tempo todinho eu nunca tive problema com jogador, não é? Problema sério com jogador. Por quê? Eu sempre deixo bem claro, não é? Tem dois tipos de jogador que eu não gosto: é o mentiroso e o preguiçoso. Aonde eu chego eu falo, eu friso muito isso para eles, o restante ele faz da vida dele o que ele quiser. [...] Então a gente tem que ser chefe, comandante no campo, e fora do campo amigo de trabalho, como qualquer segmento.</p>
Você utiliza suas vivências no esporte para passar suas estratégias para os atletas?		
<p>“Sem sobre de dúvidas, eu acho que é muito importante que você esteja buscando passar para os atletas aquilo que você aprendeu ao longo da carreira e ao longo da vida, porque para que possa ter esse ambiente, não é? Que eu falei anteriormente, é necessário que a gente tenha vivido algumas experiências, que faz com que você possa melhorar como profissional, como ser humano, não é? E que possa realmente estar trazendo esse ambiente de união.</p>	<p>“A gente usa sim, não é? A gente usa o lado positivo, por isso que eu falo que a gente tem que viver da melhor maneira possível na honestidade e no profissionalismo. Porque quando você vai dirigir um grupo de atletas ou qualquer modalidade ou qualquer situação que seja, você tem que ser o exemplo. Então o professor ali, o treinador ou qualquer coordenador de qualquer situação ele é o exemplo, então a gente se especializa e procura ser o exemplo para eles, para que eles possam seguir para chegar aos objetivos.”</p>	<p>“É isso aí, a gente usa muito isso, não é? Porque na vida a gente faz tudo usando os exemplos, jogando futebol como na vida normal. A gente tem que passar os exemplos, não é? Como exemplo, você está em casa, tem que passar os exemplos para os seus filhos. É isso aí, a gente usa muito isso, não é? Porque na vida a gente faz tudo usando os exemplos, jogando futebol como na vida normal.</p>
Nas conversas que você tem com os atletas, você utiliza algum elemento audiovisual (estatísticas, vídeos, gráficos, etc.)?		

<p>“Sim, dentro da nossa comissão técnica nós temos um analista de desempenho. E ele é quem desenvolve esse trabalho, não é? De estatística, de demonstrar para os atletas a parte do adversário, que mostra realmente os nossos acertos e principalmente os nossos erros, para que possamos melhorar ao longo da competição, de um jogo para o outro. Então é uma profissão nova dentro do futebol, não é? Principalmente para os padrões de times pequenos intermediários, mas é uma ferramenta que vem nos ajudando muito, porque você está provando ali para os atletas que aquilo que foi pedido e que está sendo trabalhado está dando certo, ou não está dando certo e você tem a oportunidade de corrigir.</p>	<p>“Uso sim, a gente usa hoje o sistema que todos nós temos que é dentro do computador que é o <i>TacticalPad</i>, aonde você monta toda sua estratégia, tanto da nossa equipe quanto da equipe adversária. A gente joga no Datashow, mostra para eles o que é que é feito dentro do jogo, o que é que nós queremos positivamente para gente e negativamente para o adversário, para que a gente possa tirar proveito no jogo.”</p>	<p>“É assim, eu uso assim, tem o campo magnético, não é? Tem campinho magnético, só que eu falo para os jogadores, eu tenho o campo gramado, certo? Dimensões muito grande para trabalhar a semana todinha, então eu tenho que trabalhar dentro daquele campo. O campo magnético é só para você lembrar algumas coisas. E às vezes acontece, tem gente que tem um campo de jogo a semana todinha e não trabalha, aí quer vim para o magnético e começar a arriscar trabalhar e mostrar para o jogador como que ele joga. Eu não, eu gosto de usar muito o campo que eu tenho durante a semana. Tem o gramado ali, esse é meu campo magnético aqui, ó. É impulsionar, trabalhar com as táticas tudo naquele campo. E o campinho lá a gente precisa só de umas coisas para lembrar, entendeu? A gente não pode inverter.”</p>
<p>Como são suas preleções antes das partidas?</p>		
<p>“Nós funcionamos a preleção em dois momentos: um que é a parte que o analista de desempenho faz, que é a parte de mostra do adversário, de ver, não é? Onde dentro da nossa partida – isso aí é tudo combinado comigo, não é? Que sou treinador – ele faz a mostra do adversário, dos pontos fortes e dos pontos fracos. [...] Essa parte do analista ele faz com vídeo, com mostra de jogos anteriores do adversário e nossa. [...] E a gente sempre procura dar uma parte também na questão da motivação, não é?”</p>	<p>“As minhas preleções elas são baseadas mais ou menos em cima de quase todo o relato que eu lhe falei, a gente vai buscar, não é? Ter aquela autoestima do atleta, a gente tem que mexer com eles, com ego, com o psicológico deles, para que eles possam positivamente render mais dentro de campo. A gente passa o que foi feito no trabalho de toda semana para que possa chegar no dia do jogo ele esteja apto e consciente no que tem que se fazer. Então a gente prepara essa preleção em cima disso.”</p>	<p>“A gente sempre dá os exemplos assim, de algumas pessoas que realmente foram importantes no esporte, não é? Isso a gente sempre fala, a gente sempre... pronto, teve um exemplo agora que aconteceu recentemente, que daqui a uns meses, não é? Daqui a um ano vai ter que ser lembrado em preleção. Foi o caso de Lucas Moura agora no Tottenham, não é?”</p>
<p>Que nível de conhecimento você tem acerca de seus atletas? Você sabe identificar em que posições eles jogam ou que outras funções ele pode desempenhar nas partidas?</p>		
<p>“Sim, isso é importante, porque isso aí você adquire dentro da sua experiência, do seu conhecimento dentro da parte tática do atleta, dentro do treinamento diário. Nós enfatizamos muito e deixamos bem claro para os atletas a importância do treinar como joga, para jogar como treina. Então nessa forma aí você acaba sugando do seu atleta algumas funções que às vezes nem ele</p>	<p>“Assim, muitas vezes na equipe profissional, você já pega o atleta já feito, não é? A gente já contrata sabendo o setor aonde ele joga. Mas muitos atletas jovens que vem lá de baixo, numa categoria de baixo que a gente pega, às vezes a gente descobre uma posição para ele dentro do campo. Então tudo isso a gente tem. Mas mesmo assim, com esses atletas mais rodados, que já tem uma posição fixa, eles fazem uma ou duas ou três posições, e a gente adaptar eles em cima disso para que possa render.”</p>	<p>“Eu sempre... quando eu chego, não é? Eu sempre falo assim, que eu jogo nesse sistema aqui, o jogador é que tem que se adaptar ao meu esquema. Eu não posso mudar meu esquema, porque o jogador só joga melhor nesse esquema aqui. Ele é que tem que se adaptar, se ele não se adaptar eu vou e coloco outro que sabe jogar nesse esquema para jogar, está entendendo? Porque o jogador acho que ele tem que ser versátil, tem que</p>

mesmo está preparado para fazer.”		ser inteligente para jogar com qualquer treinador.”
<b>Como são suas sessões de treino? Que conhecimentos você aplica nessas sessões?</b>		
<p>“Como eu falei anteriormente, a gente procura valorizar o trabalho da semana, não é? O trabalho dentro do campo, o treinamento. E aí todos nós trabalhamos numa comissão técnica de 5 pessoas [...]. Então dentro do campo mesmo a gente procura passar os atletas o máximo de informação possível, para que eles possam ter entendimento daquilo que a gente quer. [...] Em cima das características individuais de cada um, em cima do que eles possam... podem oferecer à mais para gente. [...] E nossa comissão técnica sempre pensa dessa forma, é de sugar o máximo de cada atleta, tirar o máximo de cada um, fazer com que eles possam reder em alto nível.”</p>	<p>“A gente aplica baseado em cima do nosso preparador físico, o fisiologista, para que a gente possa não sobrecarregar aonde nós queremos, mas é tudo planejado. Eu faço o trabalho dinâmico de resistência com situação de jogo dentro o campo, e o preparador físico faz a força com a velocidade para que a gente possa chegar a um acordo comum. Porque hoje o futebol ele gira em torno, força, velocidade e resistência, e mais o QI e a qualidade que cada um dos atletas tem.”</p>	<p>“[...] Tem amigo meu que vai para curso CBF do Rio, quando volta vem mostrar a mim algumas coisas. Que a gente é triste falar, mas a gente fica até horrorizado, não é? Tem trabalho que as pessoas vêm mostrar que eu digo, “rapaz, isso aí eu fazia quando era criança lá na rua na frente de casa”, está entendendo? [...] Você tem que ser criativo, inventar e ter seu estilo próprio, não imitar ninguém, não é?”</p>
<b>Você aprende muito com seus atletas?</b>		
<p>“Sim, sim. Porque todo mundo tem uma experiência de vida, desde o mais jovem ao jogador mais experiente. [...] Mas o diferencial que eu acredito no futebol é justamente esse relacionamento do dia a dia. E é uma via de mão-dupla de aprendizado, tanto nós da comissão técnica, não é? [...] Se o jogador não está confortável numa certa posição,, [...] chegar e lhe confidenciar isso ali, não é demérito para você, você tentar um encaixe, porque eles é que estão desenvolvendo o trabalho. Então a gente procura ter esse aprendizado tanto na parte pessoal, de melhora de ambiente. E isso é um aprendizado constante diário.</p>	<p>“Todo dia a gente aprende, a gente chega com uma situação, daqui a pouco se sai com outra. Que nem eu falei para você agora a pouco, a gente trata com ego de muitas pessoas, e o ser humano cada um tem o seu ego, sua autoestima, o que você quer. Então todo dia a gente aprende, todo dia a gente busca melhorar, e em cima disso a gente cresce dentro da profissão, quem tem humildade e respeito com o próximo.”</p>	<p>“Ah, lógico, lógico. Outro ponto também, você falou agora dos seus atletas, eu vou falar agora o futebol como é. Futebol você aprende até com seu roupeiro, com seu massagista. [...] Futebol você tem que ter humildade para escutar, sabe? Está entendendo? Tem que ter humildade, porque o jogador às vezes ele vem para o debate com você, de repente, “não, eu sou o treinador, eu sou o chefe”, não. De repente naquele debate se ele estiver certo, você tem que dar uma paradinha e “valeu, está valendo. Eu vou ver aqui, eu vou ver isso amanhã no treino e tal”. Isso é normal, está entendendo? Isso é normal, futebol você não pode achar que sabe tudo, que você é o dono da verdade não. Você tem que acompanhar a sua comissão.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As vivências e experiências que os treinadores de futebol tiveram ao longo da carreira, no processo de mediação, podem servir como base para que eles passem informações importantes para os atletas. Pensando nisso, **E1** destaca que o aprendizado, não só ao longo da carreira como também da vida, é fundamental para se criar um bom ambiente dentro do grupo

e para fazer a si mesmo ser um profissional melhor, aumentando a união da equipe. **E2** vai nessa mesma direção, mas complementando que o treinador, através de suas experiências, deve servir como exemplo para os atletas, sendo honesto e profissional. **E3** também enfatiza o exemplo, inclusive ao relatar que os atletas não devem repetir hábitos ruins que ele tinha nos seus tempos de atleta, como não gostar de treinar. Ele aproveita para usar de experiências pessoais para colocar que usar exemplos é importante em qualquer aspecto não só do trabalho, como também da vida. A troca de experiências é evidenciada, também, por Santos e Rezende (2002), que ressaltam que a mediação também se realiza através dessa troca, bem como pelo debate de questões de forma investigadora, pela seleção, organização e avaliação de informações, além da cooperação entre os participantes para se criar ações educativas que promovam a construção ativa de um entendimento acerca do sistema de jogo.

Além de criar um bom ambiente no clube, o treinador de futebol deve usar de elementos audiovisuais para passar informações para os atletas de futebol, a fim de fazê-los compreender melhor o sistema de jogo que ele quer empregar para a equipe. Como exemplo dessa prática, **E1** citou o uso de estatísticas para evidenciar acertos e, principalmente, erros da equipe durante as partidas. Ele, ainda, conta com a colaboração de um analista de desempenho, que o auxilia na questão de mostrar para os atletas o que está dando certo e corrigindo o que está errado. **E2** cita outros exemplos, como o uso de *Datashow* para mostrar aos jogadores o que deve ser feito no jogo e, além disso, para auxiliar nessa parte e ainda mostrar que estratégia ele quer usar naquela partida, ele utiliza o *TacticalPad*, um software que ajuda treinadores de futebol a criar e compartilhar análises e sistemas de jogo. Já **E3** faz uso de campos magnéticos, mas somente para complementar algo que ele já tenha trabalhado dentro do campo de treinamento, que é onde ele passa as principais orientações para a equipe. Nesse caso, esses elementos audiovisuais só serviriam como apoio.

À luz dessas colocações, podemos observar que o treinador de futebol pode realizar uma espécie de mediação pós-custodial distribuída e/ou partilhada, conforme o entendimento de Silva e Farias (2017). Nesse tipo de mediação, em certos tipos de serviços e mídias digitais pertencentes a entidades coletivas e indivíduos, os mediadores localizam, digitalizam, selecionam e disponibilizam conteúdos, o que é parecido com o que o treinador de futebol faz com os atletas ao usar de elementos audiovisuais para passar conteúdos e informações. Informações essas que devem ser direcionadas às necessidades e demandas do seu público, de acordo com Jorge e Valentim (2015). Para eles, informações situacionais sobre o jogo que auxiliem na escolha do melhor sistema de jogo, históricos de atletas de futebol, dados

estatísticos relacionados às partidas realizadas anteriormente pela equipe, tudo isso deve ser bem direcionado para os usuários interessados nesse tipo de informação para que se crie insumos que gerem conhecimento. O bibliotecário, nesse sentido, seria um bom elemento para identificar fontes de informação dentro do ambiente interno do clube de futebol e, assim, auxiliar o treinador de futebol, bem como a comissão técnica em alguma demanda específica.

O momento que o treinador de futebol tem antes de cada partida para passar as últimas orientações e motivar os atletas chama-se preleção. Ao se referir a esse momento, **E1** disserta que procura fazê-lo em dois momentos: no primeiro, a palavra é dada para o analista de desempenho, que mostra os pontos fortes e os pontos fracos do adversário por meio de vídeos de partidas anteriores tanto do adversário quanto da própria equipe. No segundo momento, **E1** retoma a palavra para reforçar tudo o que foi trabalhado na equipe durante a semana de treinamentos e mostrar, através de um quadro tático, o que os atletas precisam fazer com mais frequência para chegar ao resultado positivo. Ele também trabalha muito a tática de mexer com o brio dos atletas, ao motivá-los a dar o melhor dentro de campo. **E2** reforça a necessidade de instigar o ego, a autoestima e o psicológico dos atletas antes das partidas para que eles possam render mais e melhor. Vídeos motivacionais, segundo **E2**, também podem ajudar nesse sentido. Já **E3** usa mais de histórias e exemplos recentes de superação no futebol para motivar seus jogadores durante as preleções. É uma forma que ele encontrou para mostrar para os atletas que todos são importantes, independentemente de serem titulares ou reservas da equipe.

Motivar, então, torna-se um diferencial para que uma equipe tenha vantagem sobre a outra, portanto quanto maior for a capacidade da equipe de obter informações com presteza, melhor e mais competitiva ela será. Simões (2009) complementa que a equipe deve saber escolher, dentre todas as alternativas que ela possui, qual a melhor para que ela aja com o máximo de velocidade, pois as partidas de futebol se caracterizam pela maior ou menor capacidade dos atletas em fazer escolhas de alternativas obtidas por meio da informação. Nesse processo, treinador de futebol, comissão técnica e bibliotecário podem trabalhar juntos para desenvolver essa capacidade nos atletas de futebol, para que eles possam se encaixar melhor no sistema de jogo proposto pelo treinador.

É fundamental para o treinador de futebol ter um bom nível de conhecimento acerca das funções que cada atleta pode desempenhar no campo e saber aperfeiçoar essa capacidade deles nas suas sessões de treino, pois hoje, no futebol, quanto mais o atleta souber desempenhar outras funções além daquela que ele faz desde sempre, mais opções a equipe terá para buscar bons resultados. **E1**, nessa perspectiva, entende que é importante ter um bom conhecimento dos seus

atletas e que, com os treinamentos diários, ele pode ter maior noção sobre o que o atleta pode entregar em termos de tática. Assim, ele poderá extrair desses atletas a capacidade de fazer funções dentro do campo que eles até não estão habituados a fazer, mas mostrando que eles têm totais condições de desempenhar. **E2** lida com mais simplicidade com essa questão de conhecer o atleta, ao colocar que, muitas vezes, ele já chega no clube já feito e aí o treinador de futebol só procura ficar a par de saber da posição onde ele joga. Com atletas mais novos, ele faz um trabalho para que eles descubram em que posição ou posições eles se sentem mais à vontade, mas que até mesmo atletas mais experientes podem atuar em mais de uma posição nas partidas. O treinador, então, os adapta da melhor forma possível para fazê-los render. **E3** pensa diferente dos seus dois colegas, pois para ele, é o jogador que deve se adaptar à maneira de trabalhar e ao sistema de jogo do treinador, e não o contrário. Mas o mediador, na concepção de Varela (2007), deve recorrer a todo seu repertório intelectual, social, ideológico e afetivo para aperfeiçoar o processo de organização de seu saber e fazer com que o mediado receba e particularize a informação de forma que ele mesmo organize seu próprio repertório de conhecimento. É dessa forma que o treinador de futebol deve trabalhar para gerar conhecimento em seus atletas, sem deixar de levar em consideração o que ele já conhece sobre o repertório e capacidade de adaptação desses atletas.

Entender como o treinador de futebol realiza sessões de treino durante seu trabalho nos ajuda a ver se porventura ele pode atuar como mediador junto aos atletas, ao aplicar conhecimentos que ele adquiriu ao longo da carreira. O trabalho dentro de campo e a ajuda da comissão técnica são citados por **E1** como partes importantes para a aplicação das sessões de treino. Com a ajuda do auxiliar técnico, do preparador de goleiros, do preparador físico e do analista de desempenho, **E1** desenvolve o trabalho técnico com o objetivo de passar aos atletas de futebol o máximo de informação possível para que eles possam ter o entendimento do que deve ser feito nas partidas. Tudo isso é trabalhado na pré-temporada (período antecedente ao começo do calendário esportivo que a equipe tem para aquele ano), para ser aperfeiçoado ao longo das competições em que a equipe participa. **E2** conta com sua comissão técnica para realizar sessões de treino, dando destaque para o preparador físico, pois ele complementa o trabalho de resistência que ele realiza durante os treinos. **E3**, ao tratar sobre sessões de treinos que são aprendidas em cursos de formação de treinadores de futebol, ressalta que nem sempre essas sessões trazem grandes novidades para o trabalho do treinador, pois trazem conceitos que já eram passados em épocas antigas, o que o entristece. Então ele busca aconselhar novos treinadores através do seu próprio conhecimento. Se percebe aqui que, sozinho, o treinador

pode encontrar alguma dificuldade em disseminar conhecimentos para os atletas, o que torna fundamental a participação da comissão técnica nos trabalhos realizados junto aos atletas de futebol, até porque cada componente da comissão pode passar uma informação ou conhecimento específico durante as sessões de treino.

Em qualquer profissão, o aprendizado ocorre independentemente de como o trabalho seja realizado. Gomes (2008) disserta que o homem, ao longo da sua vida, encontrou formas de verbalizar seus pensamentos, ao mesmo tempo em que procurou alcançar e compreender os pensamentos de seus semelhantes, aprendendo a interferir e agir sobre a realidade, bem como conhecendo mais sobre si mesmo e o mundo. Nesse sentido, **E1** afirma que o aprendizado entre ele e seus atletas ocorre em uma via de mão dupla, onde ele tem algo para passar para os seus atletas de futebol, mas eles também têm algo para passar de volta para ele. Esses aprendizados diários são bons, segundo ele, tanto para o trabalho como para a vida pessoal, as informações passadas constantemente no ambiente de trabalho contribuem para a melhora do contexto geral do clube de futebol. **E2** destaca a melhora que o aprendizado com os atletas de futebol pode trazer para o crescimento do trabalho dele como treinador de futebol. Nesse ínterim, **E3** se aprofunda ao reforçar que aprende também com os demais funcionários do clube de futebol, como o roupeiro, o massagista, etc., pois todos têm algo para acrescentar. Para ele, o treinador de futebol deve acompanhar a sua comissão técnica para se cercar de gente que passe informações úteis para complementar o trabalho, principalmente em momentos que ele tiver dúvida. Então, para ser mediador, o treinador de futebol sempre deve ter a humildade de contar com a ajuda das pessoas que o acompanham em sua jornada. É de fundamental importância o treinador impulsionar os atletas a aprenderem, mas ele também deve buscar aprender com esses atletas de futebol, pois é uma forma de fomentar seus próprios conhecimentos e de criar um ambiente de constante troca de informações e experiências, que alavanquem as chances da equipe lograr êxito nos seus objetivos e metas de curto e longo prazo.

Treinadores de futebol são profissionais que, diariamente, lidam com os mais variados tipos de pessoas e personalidades. Então cabe a ele, juntamente com a comissão técnica, se munir com o máximo de informações, mas sabendo o melhor caminho para repassá-las aos atletas de futebol de forma que gere conhecimento e aprendizado na equipe. Os resultados desta análise dos dados nos mostram que o treinador de futebol não só pode atuar como mediador da informação junto aos atletas, como também pode fazer com que a comissão técnica e os demais profissionais que fazem parte do dia a dia do clube de futebol o auxiliem nesse sentido, cada um com uma contribuição diferente para a construção de um ambiente de constante troca de

informações e experiências. Além disso, podemos inferir que a mediação interfere no sistema de jogo idealizado pelo treinador ao fazer com que os atletas de futebol tenham acesso a informações que os ajudam a se adaptar a esse sistema de forma que seu desempenho melhore gradativamente, através dos trabalhos realizados durante a semana, com a orientação do treinador de futebol.

Apesar de dois dos três treinadores de futebol participantes deste estudo terem colocado cursos da área do futebol como muito importantes para a formação deles, observamos que devido à correria do esporte e ao calendário apertado do futebol brasileiro em geral, eles acabam não tendo muito tempo para se especializar ainda mais na profissão. Mesmo porque esses cursos são realizados na sede da Confederação Brasileira de Futebol, que fica no Rio de Janeiro, e nem todos tem a disponibilidade de ir para outro estado para fazer o curso. Porém, os treinadores de futebol usam outros meios para se atualizarem e acompanharem a evolução do futebol, ao assistirem partidas de clubes europeus e até mesmo se fazendo presentes em eventos e palestras da área do futebol.

Outro ponto a ser destacado é a atenção que os treinadores dão para a realidade em que o clube vive, pois por eles atuarem em clubes que estão numa divisão inferior à elite do futebol cearense, nem sempre eles dispõem de uma estrutura de boa qualidade, que ofereça todas as condições para que eles possam realizar o melhor trabalho técnico e/ou tático. Diante disso, observamos que, apesar das dificuldades encontradas, os treinadores de futebol buscaram se adaptar e adaptar sua filosofia de trabalho ao momento em que o clube vive, tanto em termos estruturais como financeiros, para que as sessões de treino com os atletas de futebol ocorram sem problemas, com todos os atletas tendo totais condições físicas e psicológicas para entender o sistema de jogo proposto pelo treinador e aplicar nas partidas o que é aprendido durante as sessões.

Diante do exposto e da análise dos dados coletados, podemos considerar que os treinadores de futebol, sujeitos da pesquisa, podem atuar como mediadores, uma vez que eles buscam a constante interação e troca de informações e conhecimentos não só com atletas de futebol, como também com a comissão técnica e os demais funcionários do clube de futebol. As atividades realizadas pelo treinador de futebol durante o dia a dia no clube, aliadas ao ambiente criado pelas interações, promovem o desenvolvimento de um fluxo informacional que pode oferecer vantagem competitiva para o clube, bem como potencializa nos atletas de futebol a motivação e a capacidade de adaptação ao sistema de jogo e às situações que podem ocorrer durante as partidas.



## 7 CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi concebida para refletir sobre a atuação de treinadores de futebol junto a atletas de futebol através da mediação da informação. Por isso, fez-se necessário analisar a própria mediação da informação e sua relação com o futebol e o trabalho do treinador deste esporte. Nessa perspectiva, o referencial teórico deste estudo buscou apresentar conceitos e abordagens diferentes de autores acerca da mediação da informação, que evidenciam o caráter dinâmico e transformador que ela pode ter numa determinada realidade, não se limitando somente às unidades de informação. Independente do espaço, todos podem fazer a mediação se manifestar, direta ou indiretamente. Assim, o mediador pode possibilitar, naquele ambiente, uma constante interação em prol de se gerar e construir conhecimentos e vantagem competitiva, ainda mais considerando os clubes de futebol, que estão sempre em busca de informações internas e externas.

Também se abordou o futebol, a fim de refletirmos sobre a história do esporte, sua evolução ao longo do tempo e como o treinador passou a ter papel mais relevante dentro deste contexto. Essas reflexões nos possibilitaram ter maior compreensão sobre o contexto do futebol no desenvolvimento do trabalho do treinador e de como a mediação da informação poderia se encaixar no fazer deste profissional. Buscou-se também, na sequência dessa investigação, relacionar a mediação da informação com os treinadores de futebol, a fim de se trazer, para dentro da realidade da CI, investigações que possibilitem a inserção do bibliotecário na área do futebol, uma vez que não é comum vermos estudos realizados nessa área. A intenção é abrir um leque para fomentar cada vez mais estudos em outros espaços além das unidades de informação (bibliotecas, arquivos, centros de documentação, etc.).

Tendo em vista tudo que foi abordado nessa pesquisa, podemos considerar que os objetivos traçados foram cumpridos, uma vez que, em relação ao primeiro objetivo específico “a) Compreender a atuação dos treinadores de equipes de futebol da Segunda Divisão do Campeonato Cearense”, pudemos entender, através das entrevistas realizadas, como eles trabalham e qual o pensamento deles em relação à própria profissão. Para entendermos como eles podem ser mediadores, é necessário que compreendamos sua forma de trabalhar. O segundo objetivo específico foi “b) Investigar de que forma as ações de mediação interferem nos sistemas de jogos de cada treinador”, e nele verificamos, através das falas dos entrevistados, que eles, mesmo sem perceber ou fazer alguma ideia do que seja mediação, atuam como mediadores ao promover, junto com a comissão técnica, ações que potencializam a capacidade

de aprendizado dos atletas, seja através das sessões de treino, seja por meio de trabalhos específicos realizados por cada componente da comissão técnica. Ressalta-se que a relação de união entre treinador de futebol e comissão técnica facilitam a mediação junto aos atletas, uma vez que, ao menor sinal de desunião, todo o trabalho pode acabar sendo perdido se os atletas não sentirem que há motivos para se confiar naquele trabalho desenvolvido.

Nessa perspectiva, o terceiro objetivo específico “c) Conhecer as ações de mediação realizadas pelos treinadores junto aos atletas” complementou a investigação do segundo, e podemos inferir que, na medida do possível (considerando a realidade dos clubes de futebol envolvidos nessa pesquisa), os treinadores de futebol realizam ações de mediação com os atletas de futebol, inclusive com ajuda da comissão técnica. Eles contam com o uso dos mais variados meios, tanto tecnológicos como físicos, para passar informações que vão ao encontro das necessidades da equipe e com o entendimento que eles devem ter do sistema de jogo proposto pelo treinador, como pudemos perceber na análise de dados e na discussão dos resultados desta pesquisa. Desta forma, consideramos que o objetivo geral “analisar o processo de mediação da informação dos treinadores de atletas de futebol, a fim de compreender sua interferência nos sistemas de jogos propostos por esses profissionais” foi alcançado, já que o referencial teórico desta pesquisa, aliado aos dados coletados, nos permitiram ter maior compreensão sobre o trabalho dos treinadores de futebol, a realidade do futebol em geral, de que forma os treinadores buscam fazer com que seu sistema de jogo seja assimilado pelos atletas de futebol e como estes entendem o que é passado pelo treinador. Além disso, pudemos observar como a mediação da informação pode se manifestar nas ações do treinador de futebol e como os demais profissionais que trabalham com ele podem contribuir para a atuação do treinador como mediador junto aos atletas.

Diante do exposto e das discussões apresentadas nesse trabalho, afirmamos que o bibliotecário tem condições de auxiliar o treinador de futebol, bem como a comissão técnica, a organizar, selecionar e disseminar informações que sejam pertinentes para o trabalho com os atletas de futebol, o que pode gerar uma boa vantagem competitiva em relação a outros clubes de futebol. Ainda que não seja comum ver bibliotecários atuarem na área do esporte, consideramos que eles dispõem de todos os subsídios para desenvolver um trabalho que seja interessante para os clubes de futebol, que constantemente precisam do máximo de informações possível, não só em relação a equipes adversárias, como também dos seus próprios atletas e torcedores. Entrando nessa parte de relacionamento com os torcedores da equipe, o bibliotecário poderia funcionar como um intermediário na relação entre clube e torcida, auxiliando o clube

no atendimento da necessidade desses torcedores, sem que eles precisem recorrer à imprensa para saber informações sobre o clube.

Na análise de dados, foi mostrado que analistas de desempenho têm sido empregados em clubes de futebol para auxiliar o treinador de futebol a mostrar como a equipe vem atuando e o que ela deve corrigir, tudo isso por meio de dados e informações. Pensando nisso, fica a proposta para que o bibliotecário possa atuar em conjunto com o analista de desempenho para passar informações consistentes e precisas tanto para o treinador de futebol quanto para os atletas de futebol.

Por fim, observamos que os treinadores de futebol devem atuar como mediadores junto a atletas de futebol, bem como podem fazer com que a comissão técnica também atue como mediadores, o que ajuda na promoção de interações e construções de conhecimento que desenvolvam nos atletas de futebol aprendizados que certamente servirão para toda a carreira destes. Entendemos que a mediação da informação tem influência positiva sobre a atuação de treinadores de futebol e ainda contribuem para o melhor desempenho e aprendizado de atletas de futebol. Para as próximas pesquisas a serem realizadas a partir dessa temática, recomendamos que se busque investigar acerca do aprendizado de atletas de futebol, ao observar como eles se informam sobre o futebol em geral e sobre as funções que eles podem desempenhar dentro de campo. Também pode-se abrir a possibilidade de inferir sobre a inserção de bibliotecários na estrutura organizacional de clubes de futebol, pois é nela que circula o maior fluxo de informações importantes para os clubes em si e para os profissionais que atuam nele, incluindo treinadores e atletas de futebol.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. A produção social do conhecimento na sociedade da informação. **Informação & Sociedade: estudos**, v. 19, n. 1, p. 11-18, 2009. Disponível em: <[https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/B DPI/14984/art\\_ALMEIDA\\_THE\\_SOCIAL\\_PRODUCTION\\_OF\\_KNOWLEDGE\\_IN\\_THE\\_2009.pdf?sequence=1](https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/B DPI/14984/art_ALMEIDA_THE_SOCIAL_PRODUCTION_OF_KNOWLEDGE_IN_THE_2009.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 23 ago 2017.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elisabeth da (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008, p.67-86.
- \_\_\_\_\_. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./ dez. 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000007770/2f1848d5806cfd8152990d81bf835d79/>>. Acesso em: 6 set. 2017.
- \_\_\_\_\_.; SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98-116, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716>>. Acesso em: 21 jul. 2017.
- \_\_\_\_\_. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015.
- \_\_\_\_\_. MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO – DIMENSÕES. Disponível em: <[https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=939](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=939)>. Acesso em: 07 mai. 2018.
- AQUINO, R. S. L. de. **Futebol: uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad.: Luís Antero reto e Augusto Pinheiro. Edição e revista atualizada. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.
- BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação**. 2008. 197f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93713>>. Acesso em: 22 fev. 2017.
- CALDAS, W. **O Pontapé Inicial: memórias do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAPURRO, R.; HJÖRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciências da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/54/47>>. Acesso em: 21 set. 2017.
- DRUBSCKY. R. **O Universo Tático do Futebol**. Minas Gerais: Health, 2003
- FARIAS, Airton de. **Uma História das Copas do Mundo: futebol e sociedade**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014.
- FARIAS, Maria Giovanna Guedes; FARIAS, Gabriela Belmont de. Mediação na Ciência da Informação: uma análise bibliométrica na coleção Benancib. **Rev. Ibero-amer. Ci. Inf.**,

Brasília, v. 10, n. 2, p. 332-349, jul./dez. 2017. Disponível em:  
<<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2551>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

\_\_\_\_\_.; SOARES, Jean da Silva. Competências do bibliotecário de referência em bibliotecas universitárias. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 4, p. 57-72, 2016. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/31556>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

FEITOSA, L. T. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 98-117, jan./jun. 2016. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/informacaoempauta/article/view/3064>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI escolar**. 4. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

**FIFA Big Count 2006: 270 million people active in football**. Disponível em:  
<[https://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/bigcount.statspackage\\_7024.pdf](https://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/bigcount.statspackage_7024.pdf)>. Acesso em> 29 ago. 2017.

FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, F. **Corações na Ponta da Chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. A Futura Paixão Nacional: chega o futebol. In: PRIORE, M.; MELO, V. A. de (organizadores). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2009. P- 107-131.

GARGANTA, J. A análise de formação nos jogos desportivos: revisão acerca da análise de jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do desporto**. v. 1, n. 1, p. 57-64, 2001. Disponível em: <[https://rped.fade.up.pt/\\_arquivo/artigos\\_soltos/vol.1\\_nr.1/08.pdf](https://rped.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.1/08.pdf)>. Acesso em: 9 dez. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Henriette F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, fev. 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/3041>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 85-99, jan./dez. 2010. Disponível em:  
<<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/26538>>. Acesso em: 16 set. 2017.

JORGE, C. F. B.; VALENTIM, M. L. P. Informação e esporte: a informação esportiva e sua relação com clubes de futebol. **Inf. Inf.**, Londrina, v.20, n.1, p.183-208, jan./abr. 2015. Disponível em:  
<[http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19712/pdf\\_50](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19712/pdf_50)>. Acesso em: 5 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. A importância do mapeamento das redes de conhecimento para a gestão da informação e do conhecimento em ambientes esportivos: um estudo de caso no Marília Atlético Clube. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.152-172, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2533/1707>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

LEAL, J. C. **Futebol, Arte e Ofício**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MAGALHÃES, L. G. **Histórias do futebol: ensino e memória**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/difusao/editorial\\_download.php](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/difusao/editorial_download.php)> . Acesso em: 11 out 2018.

MARTURELLI JUNIOR, M.; OLIVEIRA, A. L. Treinadores de futebol de alto nível: as evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais. In: XI **Simpósio Internacional. Processo Ci-vilizador, Tecnologia e Civilização**. Ponta Grossa, Paraná. 2005. Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-estudo/processos-civilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/mesa\\_de-bates/art23.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processos-civilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/mesa_de-bates/art23.pdf)>. Acesso em: 6 nov. 2018.

MUMFORD, V.; GERGLEY, G. Considerations for Interscholastic Coaches. **The Sport Journal**, 2005, v. 8, n. 3. Disponível em: < <https://thesportjournal.org/article/considerations-for-interscholastic-coaches/>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

OLIVEIRA, J. F. **Análise da evolução dos sistemas de jogo no futebol, a nível mundial e brasileiro**. 1994. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1994. Disponível em: <[http://lib2.biblioteca.unesp.br/F/IFF7Q7YX6LU2Y\\_P3AYHF95T2K8VB431ADIFHYA7HLG8U5L8C17T03048?func=findacc&acc\\_sequence=003126215](http://lib2.biblioteca.unesp.br/F/IFF7Q7YX6LU2Y_P3AYHF95T2K8VB431ADIFHYA7HLG8U5L8C17T03048?func=findacc&acc_sequence=003126215)>. Acesso em: 14 dez 2018.

OLIVEIRA, M.K. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, V.A. (orgs.) **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

PERARNAU, Martí. **Guardiola confidencial**. Trad. Gabriel Roberti Gobeth. Campinas: Editora Grande Área, 2013.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol do Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <[https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/162632\\_Proni%20\(D\)%20-%20Esporte-Espectaculo%20e%20Futebol-Empresa.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/162632_Proni%20(D)%20-%20Esporte-Espectaculo%20e%20Futebol-Empresa.pdf)>. Acesso em: 6 jan. 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Ed. Atlas, 1985.

SANCHES, G.; RIO, S. Mediação da Informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: Revista de Ciência da**

Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, 17 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42323>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

SANTOS, H.; REZENDE, F. Formação, mediação e prática pedagógica do tutor orientador em ambientes virtuais construtivistas de aprendizagem. **Tecnologia Educacional**, v. 31, n. 157/158, p. 19-29, abr./set. 2002.

SANTOS NETO, João Arlindo dos. **Mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários da biblioteca central da universidade estadual de londrina (UEL)**. 2014. 196f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110288>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SILVA, J. L. C.; GOMES, H. F. A importância da mediação para a construção de uma autonomia no contexto dos usuários da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 33-44, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/12958/0>>. Acesso em: 13 set. 2018.

\_\_\_\_\_. Percepções conceituais sobre mediação da informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 6, n. 1, p. 93-108, 10 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/89731>>. Acesso em: 7 dez 2018.

\_\_\_\_\_.; FARIAS, M. G. G. Abordagens conceituais e aplicativas da mediação nos serviços de informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 106-123, set. 2017/fev. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/122628>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

SIMÕES, R. P. **Futebol e Informação: driblando incertezas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SOUTO, L.F. **Mediação em serviços de disseminação seletiva de informações no ambiente de bibliotecas digitais federadas**. 2008. 238 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-13072009-184314/pt-br.php>>. Acesso em: 17 out. 2018.

TURRA, N. C. Reuven Feuerstein: experiência de aprendizagem mediada: um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural. **Educare et Educare**, Cascavel, v. 2, n. 4, p. 297- 310, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educareeteducare/article/view/1671>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

VARELA, A. V. **Informação e autonomia: a mediação segundo Feuerstein**. São Paulo: SENAC, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Dados pessoais: idade, sexo, escolaridade
- Quanto tempo você tem de profissão como treinador de futebol?
- Quanto tempo você tem de clube?
- O que o motivou a escolher a carreira de treinador de futebol?
- Para ser treinador de futebol, é necessário fazer algum curso? Se sim, quais?
- Como é a sua relação com os atletas com os quais você trabalha?
- Como você implementa suas estratégias e filosofia de trabalho dentro do grupo de atletas?
- Como você prepara um time taticamente?
- Que competência você julga necessárias para que um treinador possa ter uma boa comunicação com seus atletas?
- Você utiliza suas vivências no esporte para passar suas estratégias para os atletas?
- Nas conversas que você tem com os atletas, você utiliza algum elemento audiovisual (estatísticas, vídeos, gráficos, etc.)?
- Como são suas preleções antes das partidas?
- Que nível de conhecimento você tem acerca de seus atletas? Você sabe identificar em que posições eles jogam ou que outras funções ele pode desempenhar nas partidas?
- Como são suas sessões de treino? Que conhecimentos você aplica nessas sessões?
- Como é a sua relação com os demais profissionais que compõem a comissão técnica (preparador físico, fisioterapeuta, auxiliar técnico, etc.)?
- Você é um profissional que procura se atualizar acerca das novas tendências do futebol? Como você faz isso?
- Você aprende muito com seus atletas?



## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Esta pesquisa intitula-se “MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO ESPORTE: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE TREINADORES DE ATLETAS DE FUTEBOL” e está sendo desenvolvida por mim, Jean da Silva Soares, graduando do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) sob orientação da Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de mediação da informação dos treinadores de atletas de futebol, a fim de compreender sua interferência nos sistemas de jogos propostos por esses profissionais.

Solicito sua permissão para utilizar os dados da entrevista a mim concedida e apresentá-los na minha monografia de conclusão de curso ou em forma comunicação a ser apresentada em congresso e/ou publicação em revistas científicas, com o compromisso de manter o sigilo dos dados que possam identificá-los.

Coloco-me à sua disposição para prestar qualquer esclarecimento sobre a pesquisa, em qualquer etapa da mesma pelo telefone: (85) 99720-7612 e endereço: Rua Divina, 937 – Casa 22, Canindezinho – Fortaleza-CE.

Declaro que fui devidamente esclarecido(a) sobre a pesquisa e dou o meu consentimento. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Participante (entrevistado/a)